

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Março-Abril de 2010



Exemplar avulso: R\$ 9,90



O alcance do evangelismo

Sem uma estratégia definida para nutrir e discipular novos crentes, nenhum programa evangelístico é completo

Vigilância máxima contra a tentação sexual, p. 15

Memorial de liberdade, p. 21



Focalizando as bênçãos

Dias há em que temos a impressão de que todas as coisas nos desafiam em todos os momentos. Tudo que tocamos, fazemos, planejamos ou dizemos representa um desafio. Às vezes, isso acontece tanto na vida pessoal como na ministerial. Em dias assim, o que podemos fazer?

“Observe as bênçãos”, recentemente me disse um amigo. Enquanto ele falava essas palavras, eu o ouvia respeitosamente, não apenas porque ele já viveu mais de 90 anos, ou porque é um grande amigo, mas porque foi um grande pastor.

Quando enfrentamos desafios, devemos concentrar nossa atenção nas bênçãos. Se não o fizermos, esses desafios nos dominarão. Na verdade, devemos focalizar as bênçãos durante todo o tempo. Elas nos vêm de Deus que conhece nossas necessidades, capacidade e nosso futuro.

Procure olhar as bênçãos, quando a situação parece desesperadora, como foi a experiência dos israelitas durante o período de sua escravidão no Egito. Entretanto, em meio ao seu desespero, eles celebraram a Páscoa. De fato, a Páscoa foi mais que um ritual; foi o modo pelo qual Deus os abençoou no meio da crise.

Talvez você seja tentado a se demorar pensando nos desafios, encontrando assim supostas razões para se preocupar. Se focalizar as bênçãos do passado e do presente, não temerá o futuro.

Onde podemos ver as bênçãos? Embora nem sempre percebamos, uma das fontes inclui as igrejas nas quais trabalhamos. Todo pastor enfrenta desafios. Porém, todos nós podemos testemunhar que há membros em nossas congregações que nos abençoam com seu altruísmo. Lembro-me de uma idosa senhora, numa das minhas igrejas, que sempre tinha uma palavra de encorajamento. Seguramente, os muitos anos de vida em comunhão com o Senhor lhe proporcionaram a segurança que ela desejava partilhar comigo. Isso me fazia muito bem.

Há, também, pessoas na comunidade que agem como

instrumentos de bênçãos para nós. Esse era o caso de um homem a quem conheci em Nova Iorque. Quanto eu me lembro, ele jamais se tornou membro da igreja, mas sempre que passava por lá, parava e me dizia palavras de ânimo e conforto. E me agradecia pelo trabalho que a igreja realizava na comunidade. Tantos anos se passaram, e eu quase ainda posso ouvir suas palavras animadoras.

Uma fonte de bênçãos frequentemente negligenciada em nossa vida são nossos familiares e amigos. Talvez, esperemos que eles sempre tenham palavras específicas de encorajamento e não raro deixamos de perceber que eles vivem como uma fonte de bênçãos para nós. Preste atenção no que eles fazem por você e ao que lhe dizem.

Deus, Aquele a quem adoramos, e que nos chamou para o ministério é a principal fonte de bênçãos. Há ocasiões em que Ele é a única fonte de bênçãos em nossa vida. Recentemente, li a história de um clérigo que tem passado por grandes dificuldades em sua congregação. Solidarizei-me com

ele, enquanto lia sobre os desafios enfrentados. Todos nós temos enfrentado desafios em nosso ministério. Os desafios diante daquele pastor parecem ser insuperáveis, e será difícil para ele encontrar outra fonte de bênçãos à parte de Deus. Para ele e tantos outros, lembro as palavras de Salomão: “Sobre a cabeça do justo há bênçãos, mas na boca dos perversos mora a violência” (Pv 10:6).

“Observe as bênçãos”, disse meu amigo. Algumas vezes, é difícil percebê-las. Sou daqueles indivíduos que podem ir ao supermercado comprar algum produto, e andar para lá e para cá sem percebê-lo. Às vezes, tenho parado na área em que o produto se encontra e, mesmo assim, não o vejo. Sou tentado a olhar para qualquer outro lugar onde imagino que ele poderia estar. Porém, quando resolvo prestar atenção ao lugar apropriado, encontro o produto. Se eu procurar as bênçãos de Deus em minha vida, inevitavelmente, vou encontrá-las.

Procure olhar as bênçãos, em todos os tempos, situações e lugares, e você as encontrará. ■

“Os feitos de Deus no passado e no presente nos garantem um futuro abençoado”

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josiléi Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Ilustração da Capa:

Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso e Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edward Heindinger Zevallos; Feliz Santamaria; Clodoaldo Barbosa; Horácio Cairus; Ivanaudo B. Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Garcia Góis; Montano de Barros Netto; Patrício B. Alfaro; Samuel Jara; Valdilho Quadrado

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

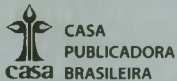
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 47,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,90



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio, sem prévia
autorização escrita do autor e da Editora.



A veia jugular da igreja

O segundo concílio pastoral a que assisti, mais de trinta anos atrás, teve como principal objeto de análise e discussão um documento elaborado na Associação Geral, intitulado “Evangelismo e terminação da obra”. Priorizando e definindo enfaticamente o evangelismo como missão da igreja, esse documento causou em mim grande impacto e norteou os rumos do meu pastorado. De acordo com ele, “o evangelismo é a veia jugular da igreja. Seccionando-a, a igreja simplesmente morrerá”.

Enfatizando o fato de que todas as atividades da igreja devem convergir para o cumprimento da missão evangelizadora, o documento decretava: “Qualquer coisa que impeça ou leve a igreja a retardar o cumprimento de sua missão é uma ferramenta de Satanás e, portanto, ilegítima”. E mais: o evangelismo era conceituado não como programa opcional, mas como o estilo de vida da igreja. Como afirmou Leighton Ford, “antes de ser a evangelização um programa, é uma paixão do coração que se expressa em ação redentora” (*A Igreja Viva*, p. 18).

A liderança da igreja entendeu e aceitou a mensagem, pois, a partir de então, os mais audaciosos eventos evangelísticos passaram a ter lugar, buscando envolver toda a irmandade na pregação da Palavra e na conquista de homens e mulheres para Cristo. Porém, precisávamos crescer, e felizmente crescemos, na compreensão de que, ao contrário de ser um evento cujo término era o batismo de grande número de conversos, o evangelismo é um processo que inclui o discipulado. Noutras palavras, em vez da ênfase puramente numérica, o evangelismo só é completo com o discipulado, ou a inserção do novo crente na comunidade de fé e na mesma missão que o alcançou.

De fato, para o missiologista adventista Gottfried Oosterwal, a igreja não terá cumprido cabalmente sua missão enquanto não forem alcançados cinco objetivos fundamentais: 1) A conscientização de que sua finalidade não é ela mesma, mas a missão de Deus. 2) Ela deve crescer em santidade, amor, companheirismo e fé, na graça e no conhecimento de Cristo. 3) A igreja foi organizada para servir, pregando o evangelho por preceito e exemplo. 4) Sua participação no grande conflito entre o bem e o mal será cada vez maior. 5) Envolvimento da totalidade de seu ser e de seus membros na missão.

Isso resume a tarefa do discipulado, que é o alvo da grande comissão: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os [...] ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28:19). Somente na proporção em que forem feitos outros discípulos é que as demais atividades da grande comissão – batizar e ensinar – poderão cumprir plenamente seu propósito. ▀

Zinaldo A. Santos

11 INTERNO OU EXTERNO

A influência das nossas atitudes na conquista do êxito ou fracasso.

13 COBERTOS PELO SANGUE

Um estudo, fundamentado na arqueologia, sobre o 12º capítulo do Êxodo.

15 VIGILÂNCIA MÁXIMA

Como evitar que os estímulos sexuais lancem raízes na mente e no coração.

17 O ALCANCE DO EVANGELISMO

O batismo é apenas o início de uma nova vida com Cristo no contexto de Sua igreja.

21 MEMORIAL DE LIBERDADE

Tempo reservado para comemorar o poder criador, salvador e restaurador de Deus.



Foto: Jupiterimages/Stockport

24 MARIA MADALENA

Quem foi a mulher pecadora de João 8?

27 TIRANDO A MÁSCARA

Para os membros da igreja, a honestidade pastoral está acima da erudição teológica.

30 LINGUAGEM DISTORCIDA

Físico adventista expõe as discrepâncias de um *best-seller* científico.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

33 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“O teste fundamental no mundo de hoje não é se as coisas que eu prego são biblicamente verdadeiras e defensáveis, mas se as pessoas pelas quais eu trabalho e com as quais me associo veem que as coisas que eu proclamo e promovo tem-se tornado realidade em minha vida.”

Reinder Bruinsma

Uma história de missões



Foto: Cortesia do autor

"Temos desafios internos de evangelização, mas chegou o tempo de darmos uma grande contribuição na evangelização de países não alcançados pela mensagem adventista"

por Zinaldo A. Santos

Depois de ter trabalhado como pastor de igreja e diretor de departamentos nas regiões sul e centro-oeste do Brasil, o pastor Wilson Borba pastoreia, atualmente, o distrito de Parque Industrial, em São José dos Campos, SP, na Associação Paulista do Vale. Ele se formou em teologia no antigo Instituto Adventista de Ensino, hoje Unasp, onde também concluiu o mestrado e o doutorado.

Sua tese, intitulada "A base missionária adventista do sétimo dia bra-

sileira: sua formação, consolidação e expansão", foi defendida no ano passado, por ocasião do 8º Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, realizado no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia.

Nesta entrevista, o pastor Wilson, que é casado com Néli Borba e pai de três filhos, fala sobre o tema de sua tese, fazendo uma reflexão histórica da missão adventista mundial. Analisa o importante papel que a igreja brasileira tem desempenhado nesse cenário,

no passado, no presente, e o que ainda é capaz de realizar no futuro.

Ministério: Qual foi sua motivação para elaborar uma tese sobre a missão adventista brasileira?

Wilson: A ideia surgiu em um diálogo com o Dr. Alberto Timm, que foi o orientador da tese. Concluímos que era interessante resgatar um pouco da história de um tema que é sempre relevante e atual. Ao longo do trabalho, descobri que também é apaixonante.

Ministério: *Após o desapontamento de 1844, entre os pioneiros adventistas, havia a ideia de que a salvação era restrita apenas aos mileritas. O que aconteceu para que eles depois entendessem que tinham uma missão mundial?*

Wilson: Houve, basicamente, quatro fatores de influência: Primeiramente, Jesus não veio, como aqueles crentes esperavam. Depois, Ellen G. White recebeu várias visões indicadoras de que a volta de Jesus não ocorreria em seguida àquela experiência bem como sugeriam a possibilidade de uma ação missionária mais ampla. A conversão de pessoas que não haviam participado do movimento milerita de 1844 também exerceu influência para a mudança de pensamento. Finalmente, houve a experiência da justificação pela fé em Cristo vivida pelos pioneiros adventistas presentes à assembleia geral de 1888, em Mineápolis. Referindo-se a isso, Ellen White escreveu: "O tempo de prova está exatamente diante de nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa os pecados. Este é o princípio da luz do anjo cuja glória há de encher a Terra." Essa declaração impactou especialmente Arthur Daniells, que veio a ser presidente mundial da igreja. Com base nessa declaração, ele cria que o alto clamor já tinha iniciado e que a Igreja Adventista do Sétimo Dia devia se envolver no movimento missionário.

Ministério: *Qual foi então a estratégia missionária adotada pela igreja, no fim do século 19 e início do século 20, para alcançar outros continentes fora da América do Norte?*

Wilson: Inicialmente, a igreja planejou se estabelecer em países economicamente sólidos. Esses países funcionariam como bases missionárias emergentes e forneceriam missionários adicionais para evangelizar seu território e outras

regiões. A organização de Uniões como bases missionárias fazia parte da estratégia. De acordo com esse plano, na assembleia mundial de 1901, a responsabilidade de supervisionar as ilhas do sul foi transferida da base norte-americana da Igreja para a União Australiana, que já estava chegando a 2.500 membros.

"Devemos estar dispostos a enviar parte de nossos recursos e obreiros para outras terras, a fim de ajudarem a finalizar a obra"

Ministério: *E quanto à América do Sul e o Brasil?*

Wilson: A Associação Geral não estava preparada para um "ataque linguístico" que incluísse todos os idiomas falados na América do Sul. E, como os primeiros interessados surgiram em colônias alemãs, foi decidido iniciar o trabalho entre pessoas de descendência e língua alemãs. No Brasil, inicialmente, o adventismo foi estabelecido nos estados do sul, para evangelizar os milhões de pessoas de fala portuguesa. Um centro do adventismo foi estabelecido no estado de São Paulo, reunindo ali as principais instituições da igreja.

Ministério: *Quais são os fatores que consolidaram a base missionária adventista brasileira?*

Wilson: Foram vários. Podemos mencionar o surgimento da grande União Este-Brasileira, em 1919, a ordenação do primeiro pastor nativo, em 1920, a formatura da primeira turma do Seminário Adventista, em 1922, o estabelecimento da União Norte-Brasileira, em 1936, o interesse na obra médico-missionária e a fundação de clínicas e hospitais, a partir da década de 40. Nos anos 50,

ocorreu a transição do elemento estrangeiro para o nacional na direção da Igreja no Brasil. Essa transição foi marcada, especialmente, quando os pastores Moisés Nigri, Walter Streithorst e Rodolfo Belz foram nomeados, respectivamente, presidentes das Uniões Sul (1952), Norte (1955) e Este-Brasileiras (1958). Mas, o fato que coroou essa consolidação também ocorreu na década de 50, com a eleição de missionários brasileiros para compor a equipe da Divisão Sul-Americana, cuja sede era em Montevideú, Uruguai. Ora, se o Brasil já tinha obreiros para liderar a DSA, também poderia fornecer obreiros capacitados para outras regiões. Entre os missionários estrangeiros, líderes da Igreja no Brasil, havia o pensamento de que esse país também podia contribuir para a evangelização de outros países, enviando os melhores e mais bem preparados obreiros, assim como a base norte-americana tinha enviado J. N. Andrews para a Europa.

Ministério: *E qual foi o passo seguinte na expansão das missões adventistas brasileiras pelo mundo?*

Wilson: Nos anos 1970, teve início um movimento intencional de envio de missionários brasileiros para servir em Angola e Moçambique, países de expressão portuguesa na África. Parece que esse fato está ligado à nomeação dos pastores brasileiros Moisés Nigri e Léo Ranzolin, o primeiro para vice-presidente, e o segundo, para diretor associado do Ministério Jovem da Associação Geral. É importante mencionar que a ida desses brasileiros para a sede mundial da igreja se deu em resultado de um plano do pastor Robert Pierson (presidente da Associação Geral de 1966 a 1979), no sentido de internacionalizar nossa liderança mundial, pois, desde os anos 1930, o número de adventistas fora dos Estados Unidos já tinha o número existente naquele país.

Ministério: *Os missionários estrangeiros que foram pioneiros da igreja no Brasil mantinham um conceito duplo de missões, ou seja, missão local e internacional. Isso caracterizava, também, a base brasileira?*

Ministério: *O que deve ser entendido por “intencionalidade” no envio de missionários ao exterior?*

Wilson: Essa expressão é utilizada quando se pretende mencionar que toda a base missionária está

neutralidade no cenário político mundial. Também somos um povo tradicionalmente pacífico e nossa nação tem servido de lar para milhões de pessoas descendentes de outras nacionalidades. Além disso, até o futebol, sendo esse um esporte popular no mundo e a fama projetada pela seleção brasileira, tem ajudado a facilitar o diálogo e a conquistar simpatia e admiração de milhares de pessoas fora do Brasil.

“Todos os setores e instituições da igreja devem estar comprometidos com a intenção de investir em missões”

Wilson: Realmente, esse era o conceito alimentado pelos missionários pioneiros no Brasil. Em 1929, quando João Gnutzmann estava para ser enviado como primeiro missionário a Angola, na África, o pastor N. P. Nielsen declarou o seguinte: “Nossos irmãos no Brasil, formando parte da grande família de Deus, têm de ter também uma parte na proclamação desta mensagem a todo o mundo. Conquanto nossas necessidades sejam grandes e tenhamos muitos milhões de pessoas a advertir em nosso próprio país, devemos estar dispostos a enviar parte de nossos recursos e obreiros para outras terras, a fim de ajudarem a finalizar a obra em todo o mundo.” Mas, a base missionária brasileira não desenvolveu esse conceito duplo, por pelo menos quatro causas: A tradicional e angustiante falta de obreiros que só terminou nos anos 1950; a influência de três crises econômicas mundiais exercida sobre a igreja brasileira; as duas guerras mundiais e a grande depressão de 1929; o comodismo devido ao fato de termos apenas uma língua oficial em nosso território. Se isso favorecia a evangelização do Brasil, também fez com que nossos obreiros tivessem pouco entusiasmo para aprender um novo idioma e servir no exterior. Finalmente, a diminuição de missionários estrangeiros. A presença deles favorecia o desenvolvimento da visão missionária nacional e internacional.

comprometida e transpira a intenção de investir em missões ao exterior. Quando mencionamos “toda a base”, queremos nos referir a toda a igreja em todos os setores e instituições – Uniões, pastores, administradores, igrejas locais, editoras, e não apenas os seminários teológicos.

Ministério: *Como o senhor avalia essa intencionalidade, no que tange à base missionária adventista brasileira?*

Wilson: Bem, na verdade, ainda não temos um centro de treinamento destinado ao preparo de nossos missionários para que sejam enviados a outros países. Como resultado disso, muitos têm saído com pouca orientação quanto a servir em lugares considerados prioridade para a Igreja mundial. Acredito que a criação de um departamento de missões na Divisão Sul-Americana e de um centro de preparo em um dos nossos seminários, mais informações às igrejas locais a respeito das necessidades missionárias mundiais bem como incentivo a obreiros e profissionais de áreas diferentes para que sirvam no campo missionário estrangeiro são fatores que contribuiriam para uma ação mais efetivamente intencional.

Ministério: *De modo geral, os missionários adventistas brasileiros são bem recebidos em regiões onde predominam o islamismo e outras religiões não cristãs. Em sua opinião, qual é a razão disso?*

Wilson: Em primeiro lugar, o Brasil é um país que se posiciona com

Ministério: *Como o senhor vê o futuro das missões adventistas brasileiras no mundo?*

Wilson: Desde 1997, o Brasil se tornou o país com o maior número de adventistas em todo o mundo. Aqui, a igreja adventista é uma potência em número de membros, instituições e capacidade de contribuir com a missão mundial. Temos uma igreja jovem, comprometida, forte e dinâmica. Até o fechamento da porta da graça, teremos nossos desafios internos de evangelização, mas chegou o tempo da base missionária brasileira dar grande contribuição para a evangelização de países que ainda não foram alcançados com a mensagem adventista e de outras necessidades regiões. Precisamos ter em mente que países de fala portuguesa como, por exemplo, Angola, que tem um adventista para cada 50 não adventistas; Cabo Verde, com um adventista para cada 83 não adventistas, e Moçambique, com um adventista para cada 87 não adventistas, já possuem expressiva representação adventista. Salvo algumas situações especiais, esses e alguns outros países não mais deviam ser considerados rotas para missionários brasileiros, como foram nas décadas de 70 e 80. Agora, temos a responsabilidade de levantar nossos olhos para além dos territórios de fala portuguesa. Precisamos preparar nossos jovens, dando-lhes condições de dominar os idiomas inglês e francês. O inglês facilitará o trabalho na Ásia. O francês, no norte africano. ■



Mulher incomum

"Oro para que Deus me ajude a ser uma esposa amável, quando meu marido mais necessita de mim"

Muitas pessoas parecem saborear cada pedaço de notícias sobre o fracasso de uma família de pastor. Contam em sangrentos detalhes uma história após outra na qual uma esposa de pastor tem caído em ignomínia. Já houve casos em que esposas de pastores foram expostas agindo de maneira imprópria em público. Em certa ocasião, a esposa do pastor de uma grande igreja foi mostrada numa violenta discussão com a funcionária de uma companhia aérea, antes de a família viajar de férias, causando tão grande constrangimento e desgaste que a família acabou desistindo da viagem.¹ Caso tenha sido verdadeira essa história, o que levou aquela esposa a perder o controle? Por que tamanha explosão de ira?

Qualquer que seja a resposta, o cenário não é novo. Preste atenção nesta história do pastor Whang Sa-Sun, da grande igreja metodista coreana de São Francisco, Califórnia. Essa não era uma cidade amistosa para os americanos descendentes de coreanos, nos anos 1920 e

1930. Apesar disso, foi ali que Whang Sa-Sun foi chamado ao labor. O primeiro obstáculo diante dele, naquela cidade, foi encontrar um trabalho que lhe servisse de apoio enquanto ministrava. Encontrar um edifício que pudesse alugar a fim de estabelecer um comércio era um desafio. De qualquer forma, ele encontrou trabalho como zelador. Mas, isso era apenas uma atividade paralela. Sua paixão real era pregar o evangelho. Muitas longas horas foram gastas ajudando outras pessoas.

Sonhos e realidade

B. Y. Choy, que conviveu com esse fiel pastor durante décadas, escreveu: "Centenas de estudantes coreanos e refugiados políticos receberam conselhos e ajuda para encontrar trabalho. Muitos permaneciam na casa de Whang Sa-Sun até que encontrassem lugar para morar ou conseguissem trabalho... Ele não fazia isso para obter recompensa ou glória pessoal, mas sempre se preocupava com o bem-estar e os interesses dos outros."²

Eventualmente, Whang também se tornou pastor de uma grande igreja. Acaso, existe algum relato sobre sua esposa perdendo o controle? Nunca, pelo menos em público. De fato, foi só alguns anos depois da morte do esposo que os sentimentos de sua viuvez foram externalizados. Numa entrevista em 1980, ela falou: “Como esposa de pastor, não tive tempo para mim mesma. Meu coração e minha cabeça viviam carregados durante 24 horas. Eu ansiava por uma vida de esposa comum. ‘Quando você deixará o trabalho pastoral?’, eu perguntava a ele, que respondia sem rodeios: ‘Você devia ser agradecida por estarmos fazendo o trabalho do Senhor!’.”³

Este é um interessante paradoxo: estamos fazendo o trabalho do Senhor. Quer o pastor trabalhe em uma igreja grande ou em um pequeno distrito, toda família pastoral perceberá que as expectativas do trabalho cruzam e regularmente confundem os limites do lar e da família. Lembra-se da primeira vez em que você percebeu essa mistura? Talvez, foi quando seu esposo lhe disse que se sentia chamado pelo Senhor para o ministério, e você se perguntou exatamente o que aquele mavioso tom em sua voz e aquele olhar em seus olhos poderiam significar quando os sonhos colidissem com a realidade.

Ou, talvez, quando, no dia em que foram entrevistados pelos líderes da Associação, você percebeu que estava mais envolvida na conjuntura do ministério do que tinha pensado. Você se preocupou quanto ao que vestir para causar a melhor impressão, apenas para ouvir seu esposo sugerir: “Você poderia vestir algo menos profissional, talvez mais doméstico?” Talvez, você estivesse cheia de entusiasmo com a expectativa de ser um apoio e encorajamento para o homem a quem você ama. Você olhou adiante, ao trabalho realizado em parceria na grande seara, salvando pessoas para o reino de Deus. Você abraçou, zelosamente, declarações inspiradas como esta:

“Repousa sobre a esposa do pastor uma responsabilidade a que ela não deve, nem pode levemente eximir-se. Deus há de requerer dela, com juro, o talento que lhe foi emprestado. Cumpra-lhe trabalhar fiel e zelosamente, em conjunto com o marido, para salvar pessoas. Nunca deve insistir com seus próprios desejos, nem manifestar falta de interesse no trabalho do esposo, nem se entregar a sentimentos de saudade e descontentamento. Todos esses sentimentos naturais devem ser vencidos. É preciso que tenha na vida um desígnio, o qual deve ser levado a efeito sem vacilação. Que fazer se isto se acha em conflito com os sentimentos, prazeres e gostos naturais? Estes devem ser pronta e resolutamente sacrificados, a fim de fazer bem e salvar pessoas.”⁴

Maravilhoso pensamento! Mas, o que dizer se vocês têm permanecido no mesmo lugar por mais dois anos, além do tempo que você imaginou que ficariam? Se fosse possível, você gostaria de mudar hoje mesmo! E se você começa ouvir um furtivo rumor de fofoca diante do qual

se sente ferida ou traída? Ou se o nível de espiritualidade entre alguns membros das igrejas de seu esposo parece inacreditavelmente baixo? Você se sente esmagada e teme que seus filhos possam ser permanentemente influenciados por todas as coisas que veem e ouvem.

Quem sabe, assim como aconteceu com Stephanie Elzy, esposa de um idoso pastor, o *status quo* e as limitações financeiras estejam esmagando você.⁵ Talvez, a agenda de seu esposo a incomode e você prometeu que, se ele atender mais uma ligação pelo celular, na hora do jantar, você jogará o telefone pela janela. Quem sabe, você deseje que ele lhe dedique mais tempo, como a esposa de Whang Sa-Sun. Assim como acontecia com ela, você deseja que seu esposo tenha outro trabalho, um que não afeta nem envolva tanto a família? Deseja ter a vida de uma esposa comum?

Fuga para Iowa

Devo lhe dizer que você não é a única. Até mesmo a fiel esposa do pastor J. N. Loughborough, pioneiro adventista do sétimo dia, também deve ter desejado uma vida “normal”. Não tenho informação se ela pediu que o marido deixasse o ministério, como a senhora Sa-Sun, mas encontramos a família dela entre os trinta crentes que trocaram o trabalho do evangelho por campos mais promissores. Esse grupo também incluiu J. N. Andrews. Eles decidiram se mudar para Waukon, Iowa, e se dedicar à lavoura. Pelo menos, como fazendeiros, podiam ver os resultados de seu difícil trabalho. Capinar, plantar e regar parecia muito mais fácil do que tratar com pessoas.

Restrições financeiras, humilhações, crítica e sentimentos de derrota diante da aparente ausência de sucesso foram seus constantes companheiros no caminho do pastorado. Seguramente, a terra com seus campos férteis prometiam melhores resultados. Assim, lemos o seguinte: “Os jovens pastores no grupo tinham achado muito duro o trabalho na causa, difícil a separação da família, especialmente para a esposa e mãe, e não havia plano regular de apoio financeiro. Parecia que o inimigo estava frustrando o trabalho de Deus, justamente no tempo em que a perspectiva era muito promissora.”⁶ Posteriormente, “este foi um tempo em que ‘o Oeste’ com suas boas terras estava aberto aos colonizadores. Isso atraiu muitas famílias das propriedades rochosas da Nova Inglaterra com a promessa de uma vida mais fácil e confortável.”⁷

Felizmente, o mesmo Deus que teve compaixão de Elias quando ele fugiu de seu trabalho cuida das famílias dos pastores, de modo especial. Em nenhum lugar da história, nós lemos que Deus condenou Seu servo por deixar o cenário da batalha, ficar deprimido e oprimido, embora Ele ternamente tenha animado Elias a voltar para o trabalho (1 Reis 19).

Semelhantemente, Deus também não abandonou Seus servos em Waukon. Enviou-lhes Tiago e Ellen White

numa longa viagem, para lembrá-los de seu primeiro chamado ao ministério evangélico. E não parou aí. Assim como cuidou das necessidades físicas de Elias, alimentando-o, o Senhor também animou Seus servos no sentido de que se arrependessem, deixassem Waukon e retomassem novamente o arado do evangelho. Os líderes da igreja começaram a compreender a importância de uma compensação regular e sistemática para o ministério. Como famílias pastorais, nós ainda nos beneficiamos daquela decisão. O que dizer do casal Sa-Sun? A esposa responde: “Quando ele se aposentou [em 1942], compreendi que meu anseio por uma vida confortável estava errado. Realmente me senti triste, por meu esposo e por meu Senhor. Assim, em minhas orações, derramei muitas lágrimas de arrependimento”.⁸

Em tempos de provações abrasadoras, é fácil censurar o ministério. Imaginamos que, se não vivêssemos num proverbial aquário, ou se não precisássemos viver esgotadas por estar rodeadas de pessoas o tempo todo, as coisas poderiam ser melhores.

Lembrança dos “bons” tempos

Confesso que, ao estar sob extrema pressão causada pelos conflitos com membros imaturos e irracionais da igreja, tenho sido tentada a fantasiar sobre os dias em que meu esposo tinha seu próprio negócio como fornecedor de uma empresa estatal. Naquele tempo, ganhando duas vezes mais dinheiro do que agora, parece que ele se preocupava menos. As lembranças do nosso pitoresco lar e da contemplação do tapete verde que se estendia pelas montanhas e férteis vales retornam à minha mente. Esse lugar que nós adquirimos antes de ser chamados para o ministério é o mesmo lar em que meu marido cresceu. É o lugar em que trabalhamos juntos e acompanhamos o crescimento dos nossos filhos. Tudo isso me vem à mente em um nostálgico e rico brilho de glória, apesar de que também enfrentávamos provações.

Essa tentação de desejar o alho e a cebola do Egito (Nm 11:5) me vem tão exatamente surreal como a imaginação do nosso pessoal em Waukon. “Aqueles eram dias maravilhosos”, uma voz parece cochichar, “em que você era uma esposa comum e não tinha que enfrentar todas as dificuldades próprias de uma esposa de pastor. Pessoas fazendo questão de coisas insignificantes, ou criticando seus filhos e esposo. Isso para não mencionar como as incessantes expectativas dos outros ferem sua espiritualidade ou estressam seu casamento! Não gostaria você de ser, novamente, uma esposa comum?” A tentação culmina nesse pensamento.

“Gostaria eu?”, surpreendo-me questionando. Então, outro pensamento pressiona suavemente a minha mente: “Que tipo de esposa comum?” É importante lembrar que famílias de muitos outros profissionais e as famílias pastorais não estão sozinhas nas lutas que enfrentam por viverem num aquário.

Militares, políticos, professores, advogados e muitos na área médica tratam com essa questão. A lista é grande. Ao lado das aflições decorrentes da profissão de quem quer que seja, necessitamos lembrar que muitas de nossas lutas resultam das tentativas para sobrevivermos à cultura atual. Kevin Leman, psicólogo e terapeuta familiar, em seu livro *Keeping Family Together When the World is Falling Apart* [Mantendo a Família Unida, Quando o Mundo Está Desmoronando], diz o seguinte: “Uma grande razão pela qual as famílias de nosso país estão em dificuldades é que pais e mães não estão dando prioridade à família”⁹. Ele ainda afirma que, embora muitas pessoas pensem que dão prioridade às respectivas famílias, elas se tornam vítimas dessa tentativa.

Pensando nas ocasiões em que me senti oprimida, houve algumas questões que eu tive de abordar como, por exemplo, estabelecimento de limites e ajuste da minha agenda com a do meu marido, a fim de assegurar tempo para construir, desenvolver e manter o relacionamento e ter nosso tempo especial à noite. Acima de tudo, tive que colocar minhas prioridades na perspectiva correta: primeiro Deus; então, esposo, filhos e ministério.

Quando me sinto esmagada em meu próprio sofrimento, minha visão pode se tornar distorcida e corro o risco de culpar o ministério e de desejar a vida idílica de uma esposa comum – o que é apenas miragem, como a senhora Sa-Sun percebeu.

Poderia ser o caso de que o inimigo, que sempre aparece “como torrente impetuosa” (Is 59:19), escolheu aparecer para me oprimir, justamente no momento em que Deus e meu marido mais necessitam que eu seja forte? Talvez, necessito lembrar das palavras do apóstolo Paulo, dirigidas aos gálatas: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos” (Gl 6:9).

Não desejo, de modo nenhum, ser uma esposa comum. Apenas oro para que Deus me ajude a ser uma esposa amável para David, quando ele mais necessita de mim. Sim, uma amável esposa do pastor David. Depois de tudo, algumas vezes, seu trabalho também lhe acarreta sentimentos de decepção. Nesses momentos, a última coisa que ele necessita é de uma sugestão para mudar – de trabalho, função, ou de lugar. ❏

Referências:

- 1 J. Willey, Abc13.com <http://abc13.com/ktrk/story?section=news/local&id=3741989>.
- 2 K. W. Lee e G. Kim, *A Pioneer Pastor's Son*, KoreAm Journal.com. www.koreamjournal.com/magazine/index.php/kj2007/march/feature_story/a_pioneer_pastor_s_son
- 3 Ibid.
- 4 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 202.
- 5 Stephanie Elzy, *The Sweetness of a Bitter Cup: Journey of a Pastor's Wife* (Longwood, FL: Xuton Press, 2005).
- 6 A. L. White, *Ellen G. White: The Early Years (1827-1862)*, v. 11, p. 346.
- 7 Ibid., p. 345.
- 8 K. W. Lee e G. Kim, *Op. Cit.*
- 9 Kevin Leman, *Keeping Your Family Together When the World is Falling Apart* (Nova Iorque, NY: Delacorte Press, 1992), p. 20.



Diretor de Saúde da União
Venezuelana Antilhana

Interno ou externo

Descubra o tipo de pessoa que você é, e a influência disso na conquista do êxito ou fracasso

O êxito que as pessoas desejam alcançar, em sua experiência de vida, depende de três fatores: 1) bênçãos de Deus; 2) oportunidades e 3) aptidões pessoais. As bênçãos de Deus estão disponíveis a todos. Em certa ocasião, Jesus Se referiu ao Pai, como fazendo “nascer o Seu sol sobre maus e bons” e fazendo “vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5:45). Tendo absoluta segurança dessa realidade foi que o apóstolo Paulo afirmou: “tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

Contudo, não podemos negar o fato de que as pessoas têm oportunidades diferentes e que existem variáveis intervenientes além do nosso controle. Mesmo assim, nas piores circunstâncias, devemos lembrar que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito” (Rm 8:28).

Neste artigo, sem desconsiderar a importância dos dois primeiros

fatores, consideraremos brevemente a maneira como nossas próprias atitudes podem influenciar na conquista, ou não, de êxito na vida. Evidentemente, todos nós desejamos obter êxito em tudo o que fazemos – estudos, relacionamento com a família, amigos e colegas de trabalho, e também no desempenho profissional. Porém, a triste realidade é que nem todas as pessoas podem ser descritas como bem-sucedidas.

Livre-arbitrio

Existem pessoas que, aparentemente, se dão mal em todas as coisas. Enfrentam problemas no lar, no trabalho do qual, frequentemente, acabam sendo despedidas por mau desempenho. Em contraposição, existem os indivíduos bem-sucedidos que parecem se dar bem em todas as coisas. Nos estudos, obtêm as melhores qualificações. Desfrutam apreço e respeito no lar. Caso sejam

empresários independentes, não enfrentam grandes dificuldades para colocar seus produtos no mercado. Se trabalham para alguma organização ou instituição, encontram-se entre os considerados em grande estima. Permanentemente, vão galgando a escada promocional, até o topo das mais cobiçadas e expressivas funções dentro da empresa.

Alguns até podem pensar que êxito e fracasso estão ligados à sorte ou ao azar. Nada existe mais enganoso que isso. A conquista do êxito não é questão de sorte. De fato, sorte é a justificativa para aquelas pessoas que não assumem compromissos e estão sempre à espera de alguma oportunidade para se aproveitar de determinada situação. O êxito é produto de algumas virtudes como perseverança, responsabilidade, esforço, organização e equilíbrio entre o que devo ser e o que decido ser.

Não acreditamos que haja uma predeterminação rígida, por parte de Deus, que justifique o falso aforismo, segundo o qual “uns nascem para ser estrelas e outros para ser estrelados”. Definitivamente, essa não é a realidade! O Criador nos fez dotados de livre-arbítrio, e podemos escolher se seremos bem-sucedidos ou fracassados. Podemos decidir se seremos felizes ou infelizes. O que estou dizendo é que, pelo menos em parte, o êxito depende de nós mesmos, embora possamos decidir que ele dependa de outras pessoas.

Transferência de culpa

No que tange à influência exercida por nossas atitudes sobre nosso êxito, primeiramente é importante que reconheçamos a diferença entre o que chamamos de pessoas internas e pessoas externas. Com a expressão pessoas internas, nos referimos às pessoas cujo êxito e fracasso dependem delas mesmas. Têm motivação para o lucro; estão sempre buscando inovar e aceitam desafios. Elas mesmas se propõem a cumprir as metas estabelecidas. Vivem atentas e demonstram disposição para aprender das próprias experiências negativas e evitá-las no futuro. São os próprios

juízes do trabalho, sabem quando alguma coisa está bem e quando está ruim. Quando percebem que algo saiu mal, tratam de fazer os devidos reparos, na medida do possível. Assumem seus fracassos, em vez de atribuí-los a terceiros.

Por sua vez, pessoas externas são aquelas que se habituaram a atribuir seus fracassos e êxitos a outros indivíduos. Têm motivação filial ou de poder. Estão muito interessadas em que as demais pessoas direcionem a elas seu reconhecimento e as tenham em alta consideração. Desejam ocupar posições expressivas. São pessimistas e sempre se deixam atrair pelo aspecto negativo das coisas ou situações. Não costumam assumir a responsabilidade por falhas encontradas em seu trabalho.

Em vez disso, estão sempre prontas a apontar outro responsável. Se chegam atrasadas ao trabalho, a culpa é sempre lançada no transporte ou qualquer outra pessoa, coisa ou situação; nunca por haverem levantado tarde da cama. Se não cumprem as metas, é porque os colaboradores não ajudaram. Aliás, no exercício de suas tarefas, desejam muito ser ajudadas por terceiros. Frequentemente, sentem que seus chefes não apreciam o que elas fazem. Necessitam ser permanentemente infladas por expressões e atitudes de reconhecimento, a fim de que se sintam bem. Como é possível perceber, o êxito está sempre mais perto da pessoa interna.

Adão e Eva

A externalidade existe desde que o pecado entrou no jardim do Éden. Naquela ocasião, Deus teve que procurar nossos primeiros pais, que estavam escondidos. Ao perguntar a Adão: “Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?” (Gn 3:11), a resposta correta seria: “Sim, Senhor, pequei; me perdoe”. Ao contrário disso, Adão transferiu sua responsabilidade para a esposa, Eva. Mesmo estando certo em sua declaração, Adão agiu de forma externa. Eva igualmente o fez. Não assumiram

suas responsabilidades e, em última instância, eles não eram os responsáveis pelo ato, mas Deus, que tinha criado a serpente e a eles mesmos.

A situação que descrevemos aqui não é mero exercício psicológico. Ao contrário, diariamente a vivenciamos nas diferentes avenidas da vida, em nossos lares, nas escolas, nas diferentes classes de trabalho. Mas, poderíamos nos perguntar especificamente: Entre os que trabalham para a igreja, também é visto esse problema?

Assim como acontece nas grandes empresas mundiais, na igreja também existem três classes de trabalhadores: 1) Os de alto rendimento, que são indivíduos internos; 2) os de médio rendimento, que são imprevisíveis, mas cumprem as metas propostas, e 3) os de rendimento inferior. Caso estes últimos sejam alvos de alguma advertência, reagem alimentando sentimentos de perseguição, sentem-se encurralados e atacados. No caso de serem despedidos, nunca assumirão publicamente que a razão disso foi o mau desempenho, mas a culpa é do chefe.

Na vida, com frequência são apresentados exemplos das situações analisadas até aqui. A fim de que tenham êxito e sejam felizes, os indivíduos externos esperam que as demais pessoas que se encontram ao seu redor estejam sempre em harmonia e acordo. Se desejamos mudar algo em nossa vida, não podemos esperar que outros o façam. Nós é quem devemos tomar essa iniciativa em relação a nós mesmos.

Se existe algo que possuímos com segurança, esse algo são nossos pensamentos. Podemos usá-los em favor de nossa felicidade ou para nossa desgraça. Ter êxito e felicidade é, em grande medida, uma escolha que podemos fazer em qualquer momento e em qualquer lugar. Se formos capazes de mudarmos a nós mesmos, o mundo também mudará ao nosso redor. Deus pode nos ajudar a mudar. Ele deseja que Seus filhos sejam pessoas internas; deseja que estejamos “por cabeça e não por cauda” (Dt 28:13). ▀

Comece por você

Autor Desconhecido

Quando era jovem, livre, e minha imaginação não tinha limites, sonhava mudando o mundo.

Ao me tornar mais velho e mais sábio, descobri que o mundo não mudaria. Então, cortei um pouco meus objetivos e decidi mudar somente meu país.

Ao ingressar nos anos de ocaso, em último intento desesperado, me propus mudar apenas minha família, pessoas mais próximas, mas, por desgraça, não me restava nenhuma.

Agora, que estou no leito de morte, repentinamente, percebo: Se tivesse mudado, primeiro, a mim mesmo, com o exemplo teria mudado minha família.

A partir de sua inspiração e seu estímulo, poderia ter feito um bem a meu país e, quem sabe, teria mudado o mundo.



Curador assistente do
Museu Arqueológico da
Universidade Andrews,
Estados Unidos

Cobertos pelo sangue

Nosso caminho pode ser longo e difícil, mas podemos evitar a destruição, da mesma forma que os israelitas a evitaram

A caso, você já se perguntou por que Deus pediu que os filhos de Israel marcassem com sangue a verga e as duas ombreiras da porta da casa deles, antes da décima praga (Êx 21:7)? Seguramente, sua resposta é que essa prática serviria de sinal para que o anjo da morte passasse por alto aquelas casas, protegendo-as, assim, da destruição (Êx 12:13).

Isso é verdade. Mas, por que as ombreiras? Tendo em mente que ninguém é mantido fora de uma casa por causa das ombreiras, por que não manchar de sangue alguma outra coisa que chamasse a atenção, como uma grande cruz, ou a própria porta?

A arqueologia egípcia responde a essas perguntas. E uma das grandes lições que podemos aprender de sua resposta diz respeito à salvação somente pela fé.

Nação corrompida

Os israelitas já foram descritos como um povo que “se manteria co-

mo uma raça distinta, nada tendo em comum com os costumes nem com a religião dos egípcios”¹, e assim preservariam o conhecimento do Senhor. Essa divinamente planejada distinção mudou depois da morte de José e, por ocasião de sua experiência junto à sarça ardente, Moisés estava descontente com a “cegueira, ignorância e descrença dos filhos de Israel, muitos dos quais estavam quase destituídos do conhecimento de Deus”.²

De acordo com o relato bíblico, no tempo do fim do Êxodo, os israelitas já não eram nômades, pois haviam passado a morar em casas (Êx 12:22), um costume egípcio que eles tinham adotado. Em resumo, eles estavam se tornando muito parecidos com os egípcios. Esse ponto é muito importante para a compreensão do que apresentaremos a partir daqui.

Imortalidade

Os egípcios acreditavam na vida eterna após a morte e estruturavam

toda a sua vida e suas práticas (que os israelitas também adotaram) de modo que refletissem essa crença. Eles construíam suas residências – desde as mais humildes casas dos escravos até os palácios luxuosos – com o mesmo material de construção, ou seja, tijolos de barro. Considerando que essa vida presente era temporária, usavam material temporário de construção para suas casas. Em contraste a isso, utilizavam rochas na construção de seus templos e sepulturas, como símbolo da vida eterna após a morte. Toda construção que supostamente fosse usada pela vida eterna (como templos e sepulcros) tinha que ser feita com material que, segundo se imaginava, fosse durar para sempre.

As únicas exceções a essa regra arquitetônica eram as ombreiras e vergas das casas construídas com tijolo de barro. Nesse tipo de casa, as ombreiras e vergas eram feitas de pedra. Essa construção refletia sua

crença a respeito da constituição do ser humano. Os egípcios acreditavam que o ser humano era constituído de cinco partes.³ Se qualquer uma dessas partes deixasse de existir, a pessoa também deixaria de existir para sempre.

O corpo humano era um componente dessa crença, razão pela qual a mumificação era importante. Se o indivíduo iria viver eternamente, é óbvio que seu corpo também tinha que sobreviver. A sombra era outro componente. Os egípcios acreditavam que a sombra demonstrava realidade e era uma parte real do indivíduo. Outra parte dessa crença era a *ka* ou “força da vida”. Os cristãos chamam a força que produz vida de “fôlego da vida” (Gn 2:7). A quarta parte da pessoa era o *ba* ou “traços de caráter”. A última parte da humanidade, segundo o pensamento egípcio, era o nome.

O que há em um nome

Para a mentalidade egípcia antiga, o nome era uma parte muito real da pessoa. Por essa razão, todo moderno visitante que chegar ao Egito encontrará exemplos de nomes cinzelados fora dos santuários remanescentes. Hatshepsut, por exemplo, viveu justamente antes do Êxodo e governou o Egito durante cerca de vinte anos, depois que a morte encurtou o reinado de seu marido. Entretanto, algum tempo depois que ela morreu, o nome de Hatshepsut foi raspado de muitos monumentos, num evidente esforço de também apagá-la da vida eterna.

• Essa análise está presente nos escritos de Moisés, que foi educado segundo o estilo egípcio de vida. Na descrição que faz do Êxodo, ele nunca menciona o nome do faraó, mas deliberadamente dá o nome das duas parteras hebraicas que foram leais a Deus (Êx 1:15). Sendo fiéis a Deus, elas tinham direito à vida após a morte. Por esse motivo, seus nomes eram importantes e dignos de menção. Esse não era o caso do faraó, que tinha rejeitado a Deus (Êx 5:2).

Consequentemente, seu nome não era importante e poderia ser esquecido na História.

Para combater o potencial anonimato de seus nomes, a realeza e a nobreza construíam grandes monumentos de rocha, gravando no máximo de lugares esses nomes. Entretanto, os menos ricos e abastados não podiam se dar ao luxo de fazer isso. Na verdade, embora fossem construídas principalmente com tijolos de barro, suas casas também possuíam ombreiras de pedra e verga. Sobre essas partes eram inscritos os nomes de quem vivia na casa. Ainda que ela fosse destruída, a chance de os nomes serem preservados nas pedras era muito grande.

E eles estavam certos, pelo menos quanto à sobrevivência dos nomes ao tempo. Quanto mais ombreiras e vergas são encontradas em escavações, os nomes de seus antigos proprietários permanecem intactos. Egíptólogos têm escavado a região Delta do rio Nilo (área pantanosa do nordeste do Egito, onde os israelitas habitaram). Nessas escavações eles têm descoberto muitas daquelas antigas ombreiras e vergas, datadas da época do Êxodo.⁴ A região do Delta é muito úmida, de modo que poucas pedras têm restado.

Nomes e sangue

Quando os hebreus imigraram para o Egito, eles moravam em tendas. Entretanto, com o passar do tempo, aprenderam a construir casas (provavelmente como parte do trabalho que realizavam como escravos) e usaram esse conhecimento para construir suas próprias casas, com estruturas mais permanentes, talvez não muito diferentes de como os egípcios construíam suas moradas. Ao retornar para o Egito, Moisés encontrou seu povo morando em casas em vez de tendas. Eles tinham muito a desaprender, e as pragas deviam ser parte desse processo.

Os filhos de Israel tinham que aprender a superioridade de Deus em relação aos deuses do Egito, aos

quais eles tinham sido expostos durante quatro gerações. Pacientemente, o Senhor lhes ensinou a confiar nEle, mas depois de nove pragas, havia mais uma lição objetiva para ser ensinada.

Quando Deus requereu que os israelitas pintassem vergas e ombreiras das portas, cobrindo seus nomes com o sangue tirado do cordeiro, Ele estava lhes ensinando os rudimentos da salvação. Ter simplesmente o nome das pedras não significava segurança de vida futura; somente o sangue do Cordeiro oferecia tal certeza. De fato, pelo menos um membro da família não sobreviveria àquela noite sem isso.

Nós temos que aprender a mesma lição. Importa, sim, onde nosso nome está escrito. “E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo” (Ap 20:15). Esse “livro da vida” também é chamado “livro da vida do Cordeiro” (Ap 21:27). Não é difícil ter nosso nome escrito nesse livro; simplesmente precisamos aceitar o sangue do Cordeiro que tomou nosso lugar.

Na realidade, há muito mais que isso em nosso caminhar com Deus, mas tudo começa nesse ponto. Os israelitas iniciaram o Êxodo do Egito, colocando o sangue do cordeiro pascal sobre seus nomes. Então, começaram a jornada de seguir a Deus. Assim acontece conosco. Nosso caminho pode ser longo e difícil, mas podemos evitar a destruição, da mesma forma que os israelitas a evitaram: iniciando nossa jornada com nosso nome coberto pelo sangue do Cordeiro. ■

Referências:

¹ Ellen G. White, *The Story of Patriarchs and Prophets: As Illustrated in the Lives of Holy Men of Old* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1958), p. 242.

² *Ibid.*, p. 252.

³ James P. Allen, *Middle Egyptian: An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs* (Cambridge: Cambridge University Press, 2001), p. 79-81.

⁴ Labib Habachi, *Tell El-Dab'a I: Tell El-Da'a and Qantir the Site and its Connection With Avaris and Piramesse* (Vienna: Verlag der österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2001), p. 40-43, 53-55.



Respectivamente pastor e advogado e médica ginecologista na Argentina

Vigilância máxima

"Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo e ele fugirá de vós"

É triste dizer, mas a má conduta sexual tem sido a maior causa do fracasso de muitos clérigos. Ministérios dizimados, famílias destruídas e igrejas negativamente afetadas são resultado da crise moral dos últimos tempos. O inimigo nutre especial interesse em deteriorar nosso caráter e tem nos líderes eclesiais seu alvo predileto. Sempre que consegue levar um deles ao pecado, marca uma vitória estratégica em seu objetivo de desacreditar a igreja e ridicularizar o nome de Cristo.

Portanto, é necessária uma postura de renovada vigilância diante dos cada vez mais agressivos ataques desse adversário. Nesse sentido, permita-nos partilhar com você algumas sugestões práticas a fim de enfrentar com êxito a tentação sexual.

Não minimize a tentação

Tem-se dito que, pelo menos uma vez na vida, todos nós seremos tentados no âmbito sexual. Não acredite

na ideia de que quanto mais espiritual seja uma pessoa, menos tentações ela enfrentará. Não existe disciplina espiritual que vacine contra esse tipo de tentação. Simplesmente, reconheçamos que somos vulneráveis à imoralidade. As advertências de Paulo devem ter prioridade em nossa mente: "guarda-te para que não sejas também tentado" (Gl 6:1). "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1Co 10:12).

Não culpe outros

Assuma a responsabilidade por suas decisões. A fraqueza moral resulta de desastradas escolhas pessoais. Randy Alcorn comenta: "Sempre se diz que alguém 'cai' na imoralidade. A expressão é tão reveladora quanto defeituosa e perigosa. O termo 'cair' denuncia uma mentalidade de vítima. Soa como se haja pouco ou nada que possamos fazer para evitar o desastre. Não caímos na imoralidade, mas nos dirigimos a ela. A imoralidade é uma escolha.

Não é algo que ocorre a uma pessoa, mas algo que a pessoa faz acontecer. Se dependermos do Salvador e dermos passos deliberados e progressivos para cultivar a pureza, podemos evitar a imoralidade. Ela não nos escolhe. Nós a escolhemos ou escolhemos evitá-la."¹

Mantenha distância

Ninguém cai em pecado de um dia para o outro. Ninguém acorda pela manhã, dizendo: "Que maravilhoso dia! Que ocasião propícia para pecar!" Há um processo lento de frouxidão espiritual que nos leva ao desastre moral.

A maioria dos casos de infidelidade começa na proximidade. A aventura começa com um relacionamento de amizade no trabalho. As pessoas envolvidas sentem admiração mútua, uma espécie de amor platônico. À medida que cultivam essa amizade, gradualmente ela começa a se tornar mais romântica do que desejariam. Ultrapassam o limite e começam a

partilhar entre si assuntos impróprios. Mesmo que não haja envolvimento sexual, a aventura começa quando compartilham sentimentos que os impulsionam a dar um passo após outro além dos limites. Os desastrosos resultados serão inevitáveis. Forja-se entre os dois uma sutil, mas poderosa fusão de sentimentos e, ainda que não exista aventura física, já estão moralmente comprometidos.

Alcorn adverte: “Lembre-se desta grande verdade: antes de ser erótica, uma relação pode ser sexual. Somente porque não estou tocando uma mulher, ou porque não estou fantasiando eroticamente, não significa que não esteja me comprometendo sexualmente com ela. O erótico sempre vem no fim da atração sexual.”²

Lute no retiro da comunhão

Embora a maturidade espiritual não garanta ausência de tentações, ela nos capacita a evitá-las e resisti-las. Quando foi perguntado a John Stott sobre a razão do seu sucesso pastoral, ele respondeu: “minha rotina”. Explicou então que separa uma hora diária, meio dia semanal, um dia por mês e uma semana cada ano, para cultivar a vida espiritual. Conseguimos muito mais em uma hora com Deus do que em toda a vida sem Ele. A ação não deve sacrificar a reflexão. Não invista mais energia no trabalho para Deus do que na comunhão com Ele. Deus está mais interessado em você do que em seu trabalho.

Lembre-mo-nos de que, antes de enviar os discípulos a pregar, Jesus os chamou “para estarem com Ele” (Mc 3:14). Às vezes, invertamos essa ordem, tentando servir a Deus sem ter estado com Ele. C. H. Macintosh assinalou: “A fim de poder trabalhar exteriormente para Deus, é necessário que eu me mantenha no santuário secreto de Sua presença, do contrário, fracassarei completamente em meu serviço”.³

Cuidado com o que vê

A maioria das tentações nos chega pelos olhos. Vários personagens

da Bíblia foram atraídos ao pecado por meio de um olhar (Gn 3:6; Js 7:21). Nos exemplos deixados por Eva e Acã, encontramos que quatro ações formam os degraus da escada descendente do pecado: ver, cobiçar, tomar e esconder.

O caso de Davi é outro exemplo típico. O livro de Samuel relata um triste episódio da vida daquele a quem Deus chamou de “homem segundo o Meu coração” (At 13:22): “Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito e andava passeando no terraço da casa real; daí viu uma mulher que estava tomando banho; ela era mui formosa” (2Sm 11:2). O verso 4 relata: “Então, enviou Davi mensageiros que a trouxessem”.

Contudo, Cristo ensinou: “Se teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno” (Mt 5:29). Ou seja, o Senhor sugere agir drasticamente para nos livrarmos de tudo o que nos leva a pecar. Devemos estar conscientes de que os olhos são órgãos sexuais muito poderosos. Como disse Helen Fisher, “talvez sejam os olhos e não o coração nem os genitais nem o cérebro, os órgãos onde o romance tem início, pois é o olhar penetrante que provoca o sorriso”.⁴ Pesquisas comprovam que um olhar fixo de dois a três segundos pode despertar intenso desejo sexual.

Portanto, proteja seus olhos. O olhar cobiçoso conduz a pensamentos pecaminosos que podem gerar ação imoral. Jó nos dá um bom exemplo: “Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?” (Jó 31:1).

Principiis obsta

Existe um antigo adágio latino que diz: *Principiis obsta*, cujo significado é “resista no início”. A reação lenta permite que a tentação vá ganhando força em nosso íntimo, debilitando-nos espiritualmente até obter nossa concessão.

Muitos pecados ocorrem porque não nos opomos com um “não” claro

e preciso ao atrativo objeto da tentação e mantemos cumplicidade secreta com o pecado que nos recusamos a abandonar. Guilherme Hendriksen adverte: “A tentação deve ser repelida imediata e decisivamente. Perder tempo é mortal. Medidas tomadas pela metade causam estragos”.⁵

Não podemos evitar todos os estímulos sexuais, mas podemos evitar que lancem raízes em nosso coração e mente. Então, mantenha-se longe de todos os lugares e situações que convidem à cobiça. Tire o computador do quarto e o coloque num lugar à vista de todos na casa. Se for necessário, crie uma senha que seja conhecida de mais um familiar.

Fuja também da companhia de pessoas que podem contribuir para que você se torne mais um enlaçado pela tentação. José enfrentou com êxito a pressão sexual. Resistir a tal embate e pressão exige grande valentia e intenso temor a Deus. José demonstrou possuir as duas coisas: “ele, porém, deixando as vestes nas mãos dela, saiu, fugindo para fora” (Gn 39:12). Paulo exortou aos cristãos de Corinto: “Fugi da impureza” (1Co 6:18), e também aconselhou a Timóteo: “Foge, outrossim, das paixões da mocidade” (2Tm 2:22). Na guerra contra o mal, o conselho bíblico é: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4:7).

No que tange ao tema deste artigo, fugir não é demonstração de covardia, mas de valentia. Ser fiel ao Senhor exige um preço que pode parecer muito alto em algumas ocasiões. Porém, jamais duvide de que a recompensa de Deus por sua fidelidade em nada pode ser comparada às aparentes e momentâneas perdas terrestres. ▀

Referências:

¹ Randy Alcorn, “O ministro e a tentação sexual” *Apuntes Pastorales*, v. 1, n° 1, 1991.

² Ibid.

³ C. H. Macintosh, *Estudios Sobre el Pentateuco* (Morelos, México, 1960).

⁴ Helen Fisher, *Comentário extraído de material da Clínica Sexológica de Cetis* (Buenos Aires, 2001).

⁵ Guilherme Hendriksen, *Comentário del Nuevo Testamento* (Michigan: Libros Desafio, 1995).

(Extraído de *Apuntes Pastorales*, v. 26, n° 2, jan./mar. 2009. Usado com permissão)



O alcance do evangelismo

Quando o número de pessoas batizadas se torna o único critério de sucesso do trabalho pastoral, a grande comissão é distorcida

A grande comissão evangélica de Cristo (Mt 28:19, 20) envolve muito mais do que simplesmente batizar novos convertidos. Qualquer abordagem do evangelismo que focalize primeiramente o número de pessoas batizadas significa desvio de objetivo. A comissão de Cristo para Seus seguidores não foi meramente batizar, mas fazer discípulos, desenvolver cristãos fiéis, dedicados à oração, ao estudo da Bíblia, testemunho para a glória de Seu nome, louvor individual e corporativo, o que os levaria a crescer na graça.

Quando a igreja falha em nutrir os novos convertidos, automaticamente também falha no cumprimento da missão de Cristo. O evangelismo estará incompleto sem uma compreensiva estratégia para nutrir e discipular os novos crentes.

O Concílio Anual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, realizado em 2003, votou um documento sobre evangelismo e crescimento da igreja, intitulado “Evangelismo e crescimento da igreja – do batismo ao discipulado”. Esse documento fez ecoar esta nota de alarme: “Existe ampla evidência e crescente conscientização de que o sucesso evangelístico nem sempre é traduzido em crescimento proporcional no discipulado. Em muitos casos tem havido uma dramática perda de assistência e de membros, dentro de um relativamente curto período de tempo seguinte ao evangelismo.”

Batismo não é algo como uma fórmula mágica para resolver todos os problemas espirituais, ou alguma panaceia para isentar as pessoas de suas dificuldades. Batismo não significa o fim de uma jornada espiritual, mas o início de uma nova vida de comunhão com Cristo no contexto de Sua igreja.

“Deus está mais preocupado em fazer discípulos do que em contar número de batismos”

Modelo apostólico

A igreja do Novo Testamento explodiu em crescimento. Três mil pessoas foram batizadas em um só dia (At 2:41). O zelo evangelístico daqueles primeiros cristãos era tão ascendente que também “crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor” (At 5:14). Esses cristãos comprometidos eram tão apaixonados pela missão de partilhar a história do Senhor ressuscitado que “todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (At 5:42). Seu ensinamento e pregação impactaram poderosamente a sociedade do primeiro século, e “crescia a Palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (At 6:7).

Segundo o capítulo 7 de Atos, Estevão escolheu morrer em lugar de deixar de partilhar Jesus a quem ele amava profundamente. Mesmo agonizando, ele testemunhou em favor de seu Senhor. Os discípulos definiram como prioritária a conquista dos perdidos para Jesus, conforme Atos 8:25 declara: “Eles, porém, havendo testificado e falado a Palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos”.

A igreja crescia tão rapidamente que novas congregações eram estabelecidas por toda a Judeia, Galileia

e Samaria (At 9:31) e, dentro de poucos anos, a comunidade cristã passou de um pequeno grupo para dezenas de milhares de crentes. Esse rápido crescimento evangelístico requereu a criação de um cuidadoso processo de nutrição e capacitação dos novos crentes, para se tornarem fortes discípulos. Lucas relata não apenas os batismos, mas também a metodologia da igreja cristã primitiva para nutrir esses novos conversos.

Depois do grande batismo pentecostal de três mil pessoas, Lucas afirma: “E perseveraram na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42). Essa passagem enumera três elementos de nutrição espiritual presentes no Novo Testamento: repetida instrução doutrinária, relacionamento social e vida devocional (estudo da Bíblia e oração). O verso 46 adiciona um quarto elemento: “Diariamente perseveravam unânimes no templo”. Adoração coletiva era parte vital desse processo de nutrição espiritual. Aqueles novos conversos não foram batizados e deixados à sua própria sorte, mas foram espiritualmente alimentados pela igreja.

Após sua conversão, Paulo foi levado a Ananias que o acompanhou durante três anos em Damasco. Semelhantemente, Cornélio foi levado a Pedro para ser instruído e alimentado espiritualmente bem como para crescer em sua nova crença. Ao longo do livro de Atos, fortes evidências mostram que os discípulos cuidaram zelosamente do grande número de conversos que foram integrados à igreja. Esse trabalho de nutrição espiritual foi realizado em pequenos grupos, oração e estudo da Bíblia. Também realçaram a importância da adoração em conjunto e do louvor a Deus (At 2:42; 4:31, 42).

Os discípulos também eram preocupados com as necessidades físicas e sociais dos novos crentes. A igreja cristã primitiva era uma comunidade afetuosa e generosa. Seus membros

revelavam amor em suas ações à medida que atendiam as necessidades mútuas (At 6:1-7). Quanto mais eles partilhavam sua vida e sua fé, mais a igreja crescia. É uma lei divina da vida espiritual que quanto mais nós partilhamos nossa fé, mais ela cresce.

Deus nutridor

A nutrição espiritual flui do coração de um amoroso Deus que deseja ver crescerem nEle aqueles que O aceitam. Ele é o dedicado médico que cuida de seus pacientes; assiste-os ininterruptamente, aplicando-lhes o bálsamo da cura até que todos sejam completamente sadios (Jr 8:22). Deus é o Pai que instrui, guia, corrige e disciplina Seus filhos e, ainda que estes falhem, Ele não os abandona (Is 49:5). Ele é o bom Pastor que cuida do Seu rebanho e luta contra os lobos ferozes que querem destruir as ovelhas. Suas preocupações dominantes são a segurança e o bem-estar de Seu rebanho (Sl 23; Lc 15:1-7; Jo 10:11-16).

Assim, nutrição espiritual é algo que está profundamente enraizado no caráter e natureza de Deus, porque Ele está mais preocupado em fazer discípulos do que em contar número de batismos.

Discipulado: um processo

A formação de um discípulo não ocorre instantaneamente, no momento da conversão, nem se completa com o batismo de alguém. Nenhum plano evangelístico que não inclua uma estratégia para nutrir e discipular novos conversos está completo. Quando número de pessoas batizadas, se torna o critério de sucesso, em vez do crescimento delas em Cristo, como discípulas, a grande comissão é distorcida.

Se o objetivo do evangelismo é desenvolver discípulos, como podemos implementar os princípios de nutrição dos novos crentes, empregados pela igreja do primeiro século, conforme descritos no livro de Atos? Lucas deixa bem clara uma coisa: É possível ter grande número de conversos – dezenas de milhares

– sem alto índice de apostasia. Não podemos justificar nossa morosidade quanto a conquistar pessoas com a desculpa de que estamos mais interessados em qualidade do que em quantidade de conversos. Isso não é questão de “uma coisa ou outra”, mas “as duas coisas”.

Um cuidadoso estudo do modelo de Atos revela três aspectos críticos na vida do novo crente: seu relacionamento com Deus, com a igreja e com a comunidade.

Relacionamento com Deus. Se os novos conversos devem se tornar fiéis e produtivos discípulos, seu relacionamento com Deus é preponderante. Esse relacionamento é desenvolvido através de nossa vida devocional particular e no companheirismo com outros cristãos que oram e estudam conosco a Palavra Deus. Quando a vida devocional é fraca, com pouco ou nenhum espaço para o estudo da Bíblia, a vida espiritual enfraquece e morre.

Ao longo de quarenta anos, tenho conduzido campanhas evangelísticas ao redor do mundo. Durante esse tempo, tenho visto milhares de pessoas aceitarem Jesus Cristo e se regozijarem na Sua verdade. Sempre que as congregações que as recebem implementam os princípios de discipulado esboçados no livro de Atos, o índice de apostasia geralmente tem sido muito baixo.

Aqui estão algumas coisas que tenho descoberto no que tange a ajudar o novo crente em seu relacionamento com Deus: Imediatamente após o batismo, buscamos encontrar um guardião espiritual para cada pessoa recém-batizada. Nossa meta inclui encontrar irmãos espiritualmente dispostos e que possuam interesses e antecedentes de vida iguais aos do novo irmão. Então, o membro da igreja que for indicado se tornará um amigo e mentor do recém-batizado.

Uma semana depois do batismo, o guardião espiritual visita o lar do novo irmão e lhe presenteia o livro *Caminho a Cristo*. E partilha o que Jesus tem representado em sua vida, animando

o novo crente a ler, cada dia, algumas páginas desse livro. Na verdade, *Caminho a Cristo* é um livro muito benéfico para recém-conversos. Os primeiros seis capítulos tratam primariamente da justificação e a segurança da salvação, enquanto os últimos tratam da santificação e do crescimento em Cristo. O guardião espiritual se oferece para visitar semanalmente o novo irmão, a fim de estudarem algumas páginas selecionadas e orarem juntos. Também pode convidá-lo a participar de um pequeno grupo semanal de estudos bíblicos relacionados ao crescimento cristão.

Também ajuda o novo converso o fato de matriculá-lo em uma classe de estudos doutrinários avançados, uma espécie de classe pós-batistal. Embora ele já tenha entendido o essencial das verdades da Escritura, nos estudos que fez antes do batismo, pelo menos alguns detalhes dessas verdades ainda podem ser obscuros em sua mente. Não pressuponha que, pelo fato de um indivíduo ter sido recentemente batizado, ele já entenda completamente cada verdade bíblica. A repetição dessas verdades uma segunda vez ajuda a fixá-las na mente e firma a fé do novo irmão.



Em todas as nossas campanhas evangelísticas, temos recomendado que os pastores iniciem uma classe bíblica, no meio da semana, ou no sábado pela manhã durante a Escola Sabatina, a fim de revisar os estudos com os novos conversos. Há muitas séries de estudos bíblicos que podem ser utilizadas com sucesso. Os pequenos grupos também desempenham papel fundamental nesse processo; e também existem estudos específicos para essas ocasiões. Os estudos podem focalizar os livros de Daniel e Apocalipse, profecias, assuntos relacionados ao caráter de Deus e às qualidades de caráter que devemos desenvolver no tempo do fim. Tais estudos aprofundam a fé, encorajam à fidelidade e enriquecem a vida devocional.

Relacionamento com a igreja. A igreja primitiva era uma comunidade comprometida com a adoração. Os crentes se reuniam para ouvir a Palavra de Deus, cantar louvores ao Senhor, orar, comungar uns com os outros e partilhar as maravilhas de Deus operadas na vida deles. Aquelas ocasiões de culto, louvor e comunhão eram momentos de grande encorajamento para os novos crentes (At 2:42; 5:42; 13:44; 14:27; 16:13; Ef 5:19, 20).

Se o novo converso se ausenta das reuniões de adoração, seu crescimento espiritual será atrofiado e sua fé será malograda. O plano de Deus para os crentes inclui o crescimento destes no contexto da comunidade de fé. Todo plano de êxito para a nutrição espiritual dos novos conversos deve conter a garantia de que eles assistam aos cultos semanais de louvor, especialmente aos sábados. Essa frequência aos cultos deve ser acompanhada pelos líderes.

“Nutrição espiritual e discipulado não acontecem por acidente, mas são práticas cuidadosamente planejadas”

O Bom Pastor conhece a diferença entre 99 ovelhas e 100 ovelhas. Você não pode acompanhar e certificar-se dessa diferença simplesmente olhando superficialmente. É preciso fazer a conta. Depois de cada grande campanha evangelística, nós costumamos imprimir o nome de cada pessoa que foi batizada e fazer uma verificação, cada manhã de sábado, para ver se estão presentes na igreja. Quando detectamos alguma ausência, imediatamente, no mesmo sábado à tarde, providenciamos que seja feita uma visita ao membro faltoso.

Muitos conversos acabam se afastando da igreja porque os membros não os visitam, nem percebem sua ausência. Eles se sentem isolados e sozinhos diante dos problemas que enfrentam. A visita é fundamental, para que os novos irmãos se sintam pertencentes à família da igreja. Eles podem ter sido doutrinariamente convencidos, mas necessitam ser socialmente integrados à comunidade de fé. Embora tenham sido batizados, ainda se sentem estranhos, pouco à vontade no novo grupo de pessoas. Como podemos fazê-los sentir-se em casa? Considere estas sugestões:

- ◆ Descubra o que eles gostam e coloque-os em contato com pessoas de gosto semelhante.

- ◆ Assegure-se de convidá-los para os eventos sociais da igreja – encontros de confraternização, excursões, jantares, e outros.

- ◆ Se têm filhos, apresente-os a outros pais com filhos da mesma faixa etária.

- ◆ Se têm filhos adolescentes, procure aproximá-los dos outros adolescentes da igreja.

- ◆ Crie uma comissão de eventos sociais para cuidar dos novos conversos e visitantes, a fim de que eles se sintam bem recebidos.

Alguém já disse: “Você sabe que pertence a um grupo, quando se sente útil”. Então, o mais brevemente possível, encontre algum trabalho para o novo converso. Peça-lhe ajuda. Pode ser qualquer coisa: ajudar a organizar o salão para o encontro de confraternização, manusear aparelhos audiovisuais, consertar uma fechadura, além do treinamento missionário em que ele deve ser envolvido, de acordo com os dons que possui. Não importa quão simples seja a tarefa; ajude o novo crente a se sentir útil. Quanto mais ele se sentir necessário, menos ele quererá se ausentar do grupo.

Relacionamento com a comunidade. Os novos conversos crescem em Cristo na medida em que eles têm alguma coisa para partilhar com pessoas que ainda não O aceitaram. O crescimento e o testemunho cristão são duas coisas indissolivelmente ligadas. A mulher samaritana imediatamente partilhou o que ela aprendeu sobre Jesus. Ao endemoninhado que acabara de libertar, Cristo disse: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti” (Mc 5:19). A igreja do Novo Testamento era uma igreja crescente porque testemunhava.

Todo coração convertido tem uma história para contar sobre a graça e o poder de Deus. Anime os novos conversos a se unir ao grupo de testemunho da igreja. Seguramente, eles necessitarão ser orientados, mas

crescerão à medida que partilham sua experiência com Cristo. Treine-os e inspire-os a se envolver no ministério da literatura, visitação aos doentes e encarcerados, pequenos grupos, ministério de saúde, entre outros. Forneça-lhes CDs e DVDs para presentear amigos e familiares. Anime-os a participar de alguma forma de testemunho.

Colheita de benefícios

Existem pelo menos dois benefícios nesse envolvimento missionário. Primeiro, a participação na atividade missionária leva as pessoas a orar mais, tornando-se assim mais dependentes de Deus e Sua Palavra. O envolvimento missionário fortalece a fé. Respostas para interrogações feitas por outras pessoas serão buscadas no estudo da Bíblia, e isso aprofunda o conhecimento da Palavra. Em segundo lugar, os novos conversos têm uma rede de amigos que podem ser conquistados para Cristo. Têm familiares que desejarão conhecer o que eles creem. Crentes que testemunham geralmente não deixam a igreja; pois quem partilha a fé fortalece a fé que possui.

Nutrição espiritual e discipulado não acontecem por acidente, mas devem ser práticas cuidadosamente planejadas. Sem uma estratégia de discipulado colocada em ação, o índice de apostasia será elevado. Se a igreja não providencia oportunidades para nutrição espiritual dos novos crentes, eles se tornarão fracos na fé e criarão problemas para a igreja, ou a deixarão definitivamente.

Quando o discipulado for um estilo de vida, tanto para os pastores como para suas congregações, os novos conversos serão cristãos fortes, fiéis, crescendo no conhecimento da Palavra e testemunhando para a glória do Senhor. O tempo, esforço e energia empregados na assistência aos novos crentes são altamente valiosos. Eles são os líderes que no futuro também nutrirão espiritualmente outros irmãos, fazendo novos discípulos para o Mestre. ■



Secretário associado da Associação Geral da IASD

Memorial de liberdade

Um dia para celebrar os atos de Deus, no passado, presente e futuro, em favor do ser humano

Memoriais relacionados a pessoas importantes e grandes eventos podem ser encontrados em qualquer metrópole. Em recente passeio turístico pela cidade de Washington, tive minha atenção atraída para um monumento especial: o memorial dos ex-combatentes da guerra do Vietnã. Trata-se de um longo muro de granito preto, artisticamente construído em uma área cercada por floridos arbustos e plácidos regatos. Nesse muro estão gravados 58.349 nomes de soldados que morreram ou desapareceram naquela guerra. Milhares de pessoas visitam esse monumento todos os dias, em solene silêncio, com a cabeça inclinada em reverência. Al-

gumas param e choram. Aproveitei minha visita àquele memorial para procurar os nomes de um primo e de colegas de escola que perderam a vida na guerra.

Tempos depois, quando visitei a região norte do Vietnã, meu guia turístico me mostrou pequenos monumentos em algumas vilas, homenageando soldados nativos que também morreram na mesma guerra.

Estabelecer memoriais parece ser uma prática universal, com o objetivo de honrar o sacrifício que pessoas fizeram por seu país e, possivelmente, também lembrar lições que devem ser aprendidas. Os memoriais são importantes. Sem eles, nos esqueceríamos rapidamente do significado de nossas raízes, o sig-

nificado do presente, a fluência da história e, talvez, até mesmo a esperança quanto ao futuro.

Memoriais divinos

Deus também tem estabelecido memoriais para nós. Por meio deles, Ele deseja lembrar-nos do Seu amor, garantir-nos que nunca nos abandona e nos dar a certeza de um futuro seguro e cheio de esperança. Através do profeta Jeremias, Ele nos fala: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, ... pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jr 29:11). Alguns memoriais de Deus são muito familiares a nós: a cruz, o batismo, o ritual da comunhão. Mas, neste artigo, desejo considerar um memorial quase

esquecido pelo mundo evangélico, e que tem significado cósmico.

Voltemos à história do Êxodo. O povo de Deus vivia na escravidão egípcia por mais de 400 anos. Então, chegou o dia em que Deus convocou Moisés para liderar a retirada de Israel do Egito, naquela que deveria ser uma experiência redentora. Depois de vários confrontos e o derramamento de dez pragas, o faraó egípcio se rendeu à vontade de Deus e permitiu que o povo fosse embora. Finalmente, os israelitas estavam livres, marchando em direção à Terra Prometida, mas a jornada não foi fácil. Ao se aproximarem do Mar Vermelho, cercados por montanhas e colinas em cada lado, perseguidos pelo exército de Faraó, os israelitas pareciam caminhar em direção ao desastre. Parecia não haver esperança. Porém, Deus interveio, as águas do mar foram separadas e a estrada da liberdade foi aberta diante deles. Mais uma vez, os filhos de Israel experimentaram a salvação de Deus, não por causa dos próprios feitos, mas pela graça divina.

Qual foi o seguinte ato de Deus, após a demonstração desse poderoso ato de salvação? Levou Seu povo ao Monte Sinai, onde lhe entregou a Lei dos Dez Mandamentos. Se essa Lei implica escravidão, como argumentam alguns cristãos, uma pergunta lógica necessita ser abordada: Por que Deus salvaria os filhos de Israel de um tipo de escravidão (a egípcia) e os colocaria em outro tipo de escravidão (a da Lei)? Isso, realmente, não faz sentido.

Aliás, talvez, devêssemos suscitar outra questão: Acaso, a Lei significa realmente escravidão? Observe o prefácio que o próprio Deus fez dos Dez Mandamentos promulgados por Ele: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx 20:2). Deus entregou Sua Lei a pessoas que foram salvas por Ele. Pessoas libertadas da escravidão egípcia, agradecidas pela interveniente graça do próprio Deus, receberam a Lei que definiria sua

relação futura com Ele. Por isso, disse o Senhor: “Não terás outros deuses diante de Mim” (Êx 20:3).

Terem os israelitas outros deuses significaria esquecer ou abandonar o verdadeiro Deus que os salvou, e isso seria equivalente a voltar à escravidão. Consequentemente, a razão pela qual Deus deu a Lei a indivíduos salvos era conservá-los salvos como Seus filhos. Tendo sido eles gerados por amor e graça, Deus os queria em íntimo relacionamento consigo mesmo. As proibições dos Dez Mandamentos não são negativas, porque Deus já salvou Seu povo. Portanto, esse povo vive um relacionamento de salvação com Ele. A desconsideração por qualquer mandamento nos leva de volta a um relacionamento negativo com o Senhor, o que significa retorno à escravidão.

Embora a Lei não tenha poder para livrar alguém da perdição, ela previne contra o retorno à condição de escravo. Deus sabe que, tendo oportunidade, Satanás pode persuadir e forçar Seu povo a se afastar do Libertador. A Lei sempre foi e continua sendo uma cerca estabelecida para manter na lembrança dos filhos de Deus o milagre envolvido na libertação do pecado. Suas proibições são prescritas sobre a premissa de que eles já foram salvos, em vez de ser algo que deva ser observado para que sejam salvos.

Dois características

É necessário ter sempre em mente duas características muito importantes da Lei de Deus. Por ser tão boa, ela pode ser abusada, podendo ser empregada de maneira a comunicar ensinamentos que não são verdadeiros a respeito de Deus. A Lei de Deus ergue-se como memorial. Assim como acontece com o monumento aos ex-combatentes norte-americanos no Vietnã, um memorial pode ser usado para promover guerra ou para ensinar o elevado custo da guerra.

Como memorial, a Lei de Deus realiza duas coisas: Primeira, embora não tenha poder de salvar, ela nos

lembra o estado de escravidão em que podemos cair, quando a desconsideramos e desenvolvemos nossa vida à parte do relacionamento com Deus. Segunda coisa, a Lei, embora nos lembre nossa impotência, também nos aponta Aquele que desfaz o ciclo do pecado e escravidão. Assim, ela permanece como memorial para a declaração de que Deus, e somente Ele, pode salvar.

Desafortunadamente, a natureza humana é propensa a se esquecer de como Deus tem nos guiado no passado. Tornamo-nos preocupados com as dificuldades presentes e tendemos a nos esquecer de como a graça de Deus nos salvou. Isso não causa surpresa a Deus, pois como nosso Criador, Ele nos conhece bem. Por essa razão, nos deu uma perpétua lembrança de Seu amor e cuidado constante. Essa lembrança perpétua de Sua graça está presente na própria Lei: o sábado do sétimo dia. Ele é como um memorial dentro do memorial, um sinal da intervenção e libertação de Deus.

Com isso em mente, notemos o seguinte: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão... Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o Senhor, teu Deus. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro das tuas portas para dentro, para que o teu servo e a tua serva descansem como tu; porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado” (Dt 5:6, 12-15).

Esse é o mandamento para guardar o sábado. Qual é a razão lógica pela qual Deus deu esse mandamento? O verso 15 responde: “porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e

braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado”.

Notemos: “lembrarás” e “portanto”. Um ato de lembrança e um ato de obediência estão ligados a esse mandamento, sendo que o segundo é fruto natural do primeiro. Em primeiro lugar, devemos nos lembrar do ato libertador de Deus, salvando-nos do pecado e da escravidão. Depois, devemos guardar o sábado que nos foi dado por Deus como memorial de Sua atividade salvadora.

O repouso do sétimo dia descreve Deus como o grande Libertador e Redentor de todos aqueles que enfrentam tentação e pecado. O sábado não aponta para nossas realizações, mas para os feitos de Deus. Cada semana, somos lembrados da boa vontade de Deus em estar pessoalmente envolvido com nossas lutas e nossa salvação. Cada semana, Ele deseja que recordemos Suas promessas de fortalecimento e companheirismo. Cada semana, somos lembrados de que não estamos sós. Cada semana, não apenas somos lembrados de que Deus vive, mas que Ele tem interesse pessoal e age em nosso favor. Assim, o sábado não é um dia de escravidão, mas dia de alegria e júbilo, em que adoramos o Deus que salva, liberta e que Se relaciona com mortais como nós. Ele não apenas vive, mas age para nos tornar livres.

Monumento à criação

Embora o livro de Deuteronômio retrate o sábado como memorial de libertação e redenção, efetuadas por Deus em favor de Seu povo em escravidão, os termos da Lei registrados no livro de Êxodo apresentam o sábado como memorial de outro grande evento de Deus: a criação. “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a

Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êx 20:8-11).

Desse modo, a inspiração não apenas liga o sábado com libertação e redenção (Dt 5:12-15; Êx 20:8-11; Ez 20:12), mas também com a criação. O sábado é um memorial do grande poder criador de Deus e de Sua graça redentora. É um memorial do passado, presente e futuro: criação, salvação e restauração. O sábado nos recorda nossas verdadeiras raízes – seres criados à imagem de Deus –, nossa queda espiritual, mas também a divina promessa de restauração. Ele contém a esperança do advento. Inerente ao sábado, está a antecipação da vinda pessoal do Criador e Redentor para levar o mundo de volta às suas origens.

Todas as coisas relacionadas ao sábado representam o que Deus fez, faz e fará. No que tange à nossa salvação, tudo está centralizado no que Ele tem feito por nós. Nosso desespero é transformado em esperança; nossa carência é transformada em plenitude. Diante disso, a oração do salmista ganha significado adicional: “Não fosse a Tua Lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido na minha angústia. Nunca me esquecerei dos Teus preceitos, visto que por eles me tens dado vida. ... Quanto amo a Tua Lei! É a minha meditação todo o dia!” (Sl 119:92-97).

Repouso e esperança

Acaso, necessita o mundo ouvir essa mensagem? Há pessoas clamando por simpatia e compreensão? Existem pessoas solitárias no mundo? Há homens e mulheres enredados pelo vício e tentação? Acaso, existem pessoas procurando suas próprias raízes em meio a sentimentos de alienação e crise de identidade? Há indivíduos com senso de insignificância, perdição e desespero?

Indubitavelmente, sim! A boa notícia é que não somos deixados sem resposta para essas e outras inquietações do mundo. Cristo nos

constituiu arautos de Seu convite: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve” (Mt 11:28-30).

Tomar o jugo de Jesus é ser um

“O sábado é o tempo em que o desesperado pecador encontra conforto no Redentor”

responsável seguidor dEle. Habitar nEle, amá-Lo, obedecer-Lhe. É levar a sério os memoriais que Ele nos deu, entre os quais estão a Lei e o sábado. O ato de aceitá-los liberta o ser humano da escravidão, levando-o a celebrá-Lo com alegria e em liberdade.

A fórmula é simples: “Vinde a Mim” é o primeiro passo apresentado por Cristo. Devemos ir à Sua cruz, aceitar Seu perdão, aceitá-Lo como nosso Redentor. Tendo feito isso, damos o segundo passo: “Tomai sobre vós o Meu jugo”, ou seja, “siga-Me! Faça o que tenho determinado para sua vida”. Nas palavras do Êxodo e do Deuteronômio, “lembrarás... portanto”. Lembremo-nos de como Deus nos libertou da escravidão. Portanto, guardemos o sábado e obedecemos à Sua Lei.

Os memoriais de Deus expressam Seu amor, cuidado e Seus maravilhosos atos. A Lei de Deus promete liberdade, não escravidão. O repouso do sábado significa, não tempo de inatividade, mas tempo de comunhão e plenitude. É o momento especial em que a criatura caminha com o Criador, o cansado e abatido encontra paz no Mantenedor, e o desesperado pecador encontra conforto no Redentor.

Essa é a mensagem que devemos exemplificar e que, como pastores, fomos chamados a transmitir a um mundo carente de sentido, esperança e salvação. ▀



Professor no Seminário Teológico do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

Maria Madalena

O que se pode entender, com base na Bíblia e nos escritos de Ellen White, sobre a identidade dessa mulher

Seria possível dizer que Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora de João 8 seriam a mesma pessoa? O Novo Testamento parece fazer referência a oito Marias: a mãe de Jesus (Mt 1:18; 2:11; 13:55; At 1:14); a mãe de Tiago e de José (Mt 27:56; Mc 15:40; 16:1; Lc 24:10); Maria “chamada Madalena” (Lc 8:2; 24:10; Jo 19:25; 20:1); Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro (Lc 10:38-42; Jo 11:1-44) a “outra Maria” (Mt 27:61; 28:1); a esposa de Cléopas (Jo 19:25); a mãe de Marcos (At 12:12); e mais uma que morava em Roma (Rm 16:6).

Porém, é provável que Maria, mãe de Tiago e José, a “outra Maria” e Maria, esposa de Cléopas, fossem a mesma pessoa. Maria, mãe de Tiago e José é mencionada por Mateus juntamente com Maria Madalena, entre as demais mulheres que estiveram na cena da crucificação

(Mt 27:55, 56). Logo em seguida, ainda no contexto da morte e ressurreição de Jesus, Mateus fala de Maria Madalena e da “outra Maria” (Mt 27:61; 28:1), o que nos leva a crer que essa tenha sido a mesma Maria, mãe de Tiago e José. Quando cruzamos as informações de Mateus, Marcos e João sobre as mulheres que estiveram junto à cruz (Mt 27:55, 56; Mc 15:40; Jo 19:25), não é difícil concluir que Maria, esposa de Cléopas, também consiste na mesma pessoa. Nesse caso, em vez de oito, as Marias do Novo Testamento seriam seis.

Porém, neste artigo, vamos estudar as referências a duas delas: Maria Madalena e Maria, irmã de Marta e Lázaro, na tentativa de descobrir se elas eram a mesma pessoa. Também consideraremos a hipótese, até certo modo difundida nos meios adventistas, de que a pecadora de João 8 também fosse Maria Madalena.

A mulher adúltera

Começando pela pecadora de João 8:2-11, o texto não informa nada a seu respeito: seu nome, onde morava, nem seu estado civil. A tentativa de apedrejamento após o flagrante de adultério não prova necessariamente que fosse casada. Se fosse noiva, a pena seria a mesma. Porém, o castigo raramente era aplicado nos dias de Jesus. Na verdade, o relato sugere que tudo não passou de armação, a fim de pôr Jesus à prova, em público e, quem sabe, apanhá-lo em algum deslize: se recomendasse o apedrejamento, perderia Sua influência perante o povo, de quem Se dizia defensor. Se não, os líderes judaicos O acusariam de descumprimento da lei de Moisés (Dt 22:22).

Foi brilhante Sua estratégia de escrever na areia os pecados dos acusadores (*O Desejado de Todas as Nações* p. 461). Assim, Ele conseguiu

inverter os papéis, expor a hipocrisia dos acusadores e perdoar a mulher. Contudo, não há nada no texto que permita ou impeça uma identificação com Maria Madalena.

Sobre a autenticidade do relato em si (aparece entre colchetes em várias versões bíblicas), João 7:53-8:11 de fato não consta nos melhores e mais antigos escritos gregos de João. Mas, há evidências ou indícios de sua antiguidade e autenticidade histórica. Poucos duvidam de que a história seja autêntica, tendo sido preservada oralmente ou mediante alguma tradição escrita paralelamente, até que mais tarde acabou sendo incorporada nos manuscritos do Novo Testamento. Temos apenas que nos lembrar de que Jesus fez e falou muito mais do que foi registrado (Jo 21:25), e que diversas histórias permaneceram vivas na memória da igreja por muito tempo, após os evangelhos terem sido escritos.

Maria Madalena

Tem-se como certo que o nome “Madalena” (em grego, *Magdaléné*) seja alusão a Magdala, pequeno vilarejo na praia ocidental do Mar da Galileia, um pouco ao sul de Cafarnaum. Alguns antigos manuscritos se referem a esse vilarejo como “Magdã”, e é assim que ele é citado na maioria de nossas versões de Mt 15:39. Não há dúvida de que Maria “Madalena” era assim chamada por ser originária de Magdala, ou pelo menos por ter morado ali parte de sua vida.

Maria Madalena só é mencionada pelo nome uma vez nos evangelhos, antes do relato da paixão de Cristo (Lc 8:2). Depois, ela é citada no contexto da crucifixão. Em companhia de outras mulheres que haviam acompanhado o Mestre desde a Galileia, ela presenciou a morte de Jesus (Mt 27:55, 56; Mc 15:40, 41; Jo 19:25), Seu sepultamento (Mt 27:61; Mc 15:47) e depois o túmulo vazio (Mt 28:1-7; Mc 16:1-8; Lc 23:55-24:22; Jo 20:1). João é o único a relatar o aparecimento de Jesus, após a ressurreição, exclusivamente a Maria

Madalena (Jo 20:11-18). A sequência dos fatos talvez tenha sido a seguinte:

Maria foi com as demais mulheres ungir o corpo de Jesus no domingo de madrugada, mas adiantou-se a elas e chegou primeiro ao sepulcro, encontrando a pedra revolvida. Então, ela contou a Pedro e a João o que havia acontecido, sendo depois alcançada pelas demais mulheres. Em seguida, teria voltado em companhia de Pedro e João ao sepulcro, onde permaneceu chorando depois que todos foram embora. Foi nesse momento que ela viu os dois anjos e, em seguida, o próprio Cristo ressuscitado. No diálogo que se seguiu, Jesus lhe disse: “Não Me detenhas; porque ainda não subi para Meu Pai” (Jo 20:17). Ele precisava ascender ao Pai; queria ter a certeza de que Sua morte havia sido aceita como sacrifício pela humanidade pecadora (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 590).

“Essa penitente mulher tornou-se um dos membros mais fiéis do círculo de amizade de Jesus”

Maria de Betânia

Irmã de Marta e Lázaro, essa Maria é mencionada pelo nome apenas nos evangelhos de Lucas e João (Lc 10:38-42; Jo 11:1). O povoado de Betânia estava localizado do outro lado do Monte das Oliveiras, distante de Jerusalém aproximadamente três quilômetros, na estrada para Jericó.

Seis dias antes da Páscoa, Jesus esteve novamente em Betânia, onde Lhe ofereceram um banquete. Marta servia; Lázaro estava com Jesus à mesa. Maria, “tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo” (Jo 12:3).

João menciona apenas que quem O ungiu foi Maria, irmã de Marta e Lázaro, e que o fato se deu em Betânia. Os demais evangelhos também contêm um episódio de Jesus sendo ungido por uma mulher (Mt 26:6-13;

Mc 14:3-9; Lc 7:37-50). A dificuldade é saber se os quatro relatos se referem ao mesmo episódio. Os relatos de Mateus e Marcos são praticamente idênticos entre si e muito semelhantes aos de João, embora nem Maria, nem Marta nem Lázaro sejam mencionados, e Jesus foi ungido na cabeça e não nos pés. Sabemos, porém, que o episódio ocorreu em Betânia, como em João, e há outros detalhes na narrativa que também são muito parecidos àqueles mencionados por João. Outra diferença, de natureza secundária, é que tanto Mateus quanto Marcos mencionam que o banquete foi oferecido por um tal Simão, ex-leproso, informação essa omitida por João. No geral, porém, não há porque negar que tanto João quanto Mateus e Marcos se referem ao mesmo episódio.

No evangelho de Lucas, as diferenças são bem maiores. Ali, o episódio parece ter ocorrido na Galileia, quando João Batista ainda estava na prisão (Lc 7:18-35), e não na Judeia, onde ficava Betânia, pouco antes da morte de Jesus. Lucas também não menciona o nome de Maria nem de seus irmãos, e é o único que identifica a mulher como sendo “uma pecadora”, cujos muitos pecados tinham sido perdoados por Jesus (Lc 7:37, 39, 47-50). Por outro lado, ele difere de Mateus e Marcos, ao dizer que foram os pés de Jesus, e não a cabeça, que a mulher ungiu. Vários outros detalhes da narrativa também são diferentes, o que tem levado a maioria dos intérpretes modernos a postular dois episódios distintos: um descrito por Lucas, o qual teria ocorrido na Galileia, mais cedo no ministério de Jesus, e outro pelos demais evangelistas, ocorrido em Betânia poucos dias antes da crucifixão.

É importante destacar que nem todas as diferenças são necessariamente contraditórias; muitas delas são, na verdade, complementares. Talvez seja por isso que diversos pais da igreja tentavam harmonizar os relatos, dizendo, por exemplo, que Lucas descreve o mesmo episódio, só

que num contexto diferente, e que, portanto, Maria de Betânia teria realizado a unção. Isso não é totalmente impossível, ainda mais se considerarmos o fato de que Lucas nem sempre segue uma ordem estritamente cronológica em seu evangelho. Além disso, como ele diz que Jesus havia curado Maria Madalena, expulsando dela sete demônios (Lc 8:2), o passo seguinte de vários escritores cristãos foi identificá-la como a “pecadora” mencionada no capítulo 7, por causa de sua profunda expressão de gratidão, ao ungir Cristo. Foi assim que Maria Madalena, Maria de Betânia e a “pecadora” mencionada por Lucas acabaram identificadas pela tradição da igreja como a mesma pessoa. O cenário estava formado para se dizer que a adúltera de João 8 era também a mesma mulher.

Informações adicionais

Ao escrever sobre esse assunto, em seu livro *O Desejado de Todas as Nações* (p. 557-568), Ellen G. White trata o relato de Lucas como tendo sido o mesmo que ocorreu seis dias antes da crucifixão e que é relatado pelos demais evangelistas. Ela também informa que o banquete fora oferecido por Simão pelo fato de Jesus lhe haver curado da lepra. Quanto à identificação de Maria, ela claramente dá a entender que se trata mesmo de Maria Madalena, embora não a cite pelo nome. Refere-se a esta Maria como sendo a mesma de quem Jesus expulsou sete demônios e que, mais tarde, acompanharia os eventos de Sua morte e ressurreição. “Foi Maria que se assentou aos pés de Jesus e dEle aprendeu. Foi ela que Lhe derramou na cabeça o precioso unguento, e banhou os pés com as próprias lágrimas. Achou-se ao pé da cruz e O seguiu ao sepulcro. Foi a primeira junto ao sepulcro, depois da ressurreição. A primeira a proclamar o Salvador ressuscitado” (p. 568). Bastante esclarecedora também é a informação de que fora o próprio Simão que induzira Maria ao pecado e que, por isso, a desprezava: “Fora por ele

profundamente prejudicada” (p. 566).

Em um artigo publicado na revista *The Signs of the Times* (09/10/1879), sob o título “A oferta de amor”, Ellen White se refere a Maria como aquela de quem Jesus expulsou sete demônios, declarando que, em Sua misericórdia, Ele lhe havia perdoado os pecados, “os quais eram muitos e graves, e seu coração estava repleto de amor por seu Salvador”. Ainda mais significativa é a informação dada no mesmo periódico (09/05/1900), cujo título é “Na casa de Simão”. Nesse artigo, ela declara que Simão era tio de Lázaro, o que significa que também era tio de Maria. Quando nos lembramos de que fora ele mesmo quem a induzira ao pecado, não é difícil imaginar o que teria de fato acontecido.

Então, a Sra. White faz aquela que talvez seja a revelação mais surpreendente, sugerindo que essa Maria seja, de fato, a mulher apanhada em adultério (Jo 8): “Essa penitente mulher tornou-se um dos membros mais fiéis do círculo de amizade de Jesus. Ela retribuiu Seu perdão e compaixão com um ato de amor e adoração de profundo desprendimento [a unção na casa de Simão?]. Mais tarde, quando estava cheia de pesar ao pé da cruz [Maria Madalena?], seu coração foi traspassado novamente ao ver a agonia de morte na face de seu Senhor e ouvir-Lhe o brado pungente. Ela sabia que esse sacrifício era por causa do pecado, e sua responsabilidade como alguém cuja enorme culpa havia ajudado a trazer tal angústia ao Filho de Deus parecia mesmo muito pesada” (*The Signs of the Times*, 23/10/1879; “A sabedoria e a compaixão de Jesus”).

Prudência

Na Bíblia, não temos informações suficientes que nos permitam identificar Maria Madalena com Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro, muito menos com a pecadora de João 8. Ellen G. White, porém, não apenas confirma tal identificação, explicitamente no caso das duas Marias e implicitamente no caso da

pecadora de João 8, como também fornece importantes detalhes que muito enriquecem nossa compreensão dos fatos. Com base nesses detalhes, não é difícil reconstruirmos a história de Maria, ainda que hipoteticamente. Induzida ao pecado pelo próprio tio, acabou fugindo para o norte, para os lados de Magdala, onde sua dor e complexo de culpa a conduziram ainda mais fundo no pecado e no vício. Foi assim que Jesus a encontrou, totalmente entregue às forças do mal, e a curou. Depois disso, ela se juntou a outras mulheres que passaram a segui-Lo e ajudá-Lo no trabalho de evangelização.

Mais tarde, de volta a Betânia, Jesus conheceria seus irmãos e Se tornaria hóspede frequente da família. Foi então que, talvez por causa de seu passado nada recomendável, ela teria sido usada como isca pelos líderes judaicos desejosos de pegar Jesus em alguma falha. Induzida novamente ao adultério, foi apanhada em flagrante e levada perante Ele que, mais uma vez, a perdoou. “Maria fora considerada grande pecadora, mas Cristo sabia as circunstâncias que lhe tinham moldado a vida” (p. 568). E, seis dias antes da crucifixão, ela expressou sua gratidão num ato cuja memória jamais devia ser apagada (Mt 26:13). Quando Jesus morreu, ela permaneceu ao Seu lado e teve a honra de ser a primeira a testemunhar a ressurreição (Jo 20:11-18).

Sem dúvida, uma bela história. Porém, é necessário prudência ao contá-la. Pessoas não familiarizadas com os escritos de Ellen G. White podem não entender ou aceitar essa reconstrução. Mas, seu uso interno na igreja não devia necessariamente causar estranheza. Mesmo assim, permanecem algumas dúvidas, pois a sugestão de que a mulher adúltera seja Maria Madalena não é feita pela Sra. White senão apenas uma vez. Seja como for, é importante que nos atenhamos ao ponto principal, que foi a forma extraordinária como Jesus a perdoou e lhe deu nova chance (Jo 8:10, 11). ■



COMPORTAMENTO

Tirando a máscara

Se queremos ser ouvidos e ter nossa liderança reconhecida, dentro ou fora da igreja, devemos ser autênticos

Um fato óbvio do mundo da informática é que quando você trabalha com um computador e, posteriormente, imprime o que digitou ou desenhou, você terá exatamente o que viu na tela. Esse exemplo expressa de modo sucinto o que a maioria das pessoas espera encontrar quando se associa com outras, especialmente com seus líderes: elas querem obter o que veem, a pessoa real, não um indivíduo desempenhando algum papel, que esconde sua verdadeira identidade atrás de uma máscara consciente ou inconscientemente construída.

As pessoas buscam autenticidade. Mas, o que significa “ser autêntico”? O dicionário define a palavra “autêntico” como algo ou alguém “fidedigno, de origem ou qualidade comprovada, genuíno, legítimo, verdadeiro”. Os jovens têm uma fantástica habilidade para perceber, de longe, a falsidade de alguém. Se você não for veraz, esqueça. Dificilmente, poderá enganá-los.

Infelizmente, os cristãos nem sempre têm boa reputação, quando o assunto é autenticidade. Para algumas pessoas, a palavra “cristão” é virtualmente sinônima de hipocrisia. A igreja, dizem elas, pode parecer muito bela por fora, mas, interiormente, não é confiável. É como um produto que alguém compra de vendedores ambulantes: às vezes caro e falso.

Quando as coisas demonstram não ser genuínas, isso pode ser um assunto sério. Produzir e vender produtos falsificados é atitude que pode facilmente levar pessoas aos tribunais. Mas, consequências ainda mais sérias podem cair sobre aqueles que professam ser cristãos e, depois, se revelam falsificados. Em meu país, há este adágio: “Apertar a mão de um cristão é um negócio arriscado; conte os dedos depois de fazer isso”. Tragicamente, muitos não cristãos associam a palavra “igreja” a fraude, disputa de poder, politicagem, avareza e dinheiro. No mínimo, essas

pessoas lhe dirão que acham a igreja uma instituição totalmente desatualizada e irrelevante.

Como cristão comprometido, frequentemente me pergunto se é real a religião das pessoas que eu vejo, com quem me encontro, ou sobre quem ouço falar. Por exemplo, o que nós pensamos sobre alguns políticos que se dizem cristãos, enquanto suas ações não correspondem aos valores cristãos? Trazendo mais perto o assunto: muitos pastores e líderes de igreja podem apresentar exemplos nos quais os aparentemente mais piedosos membros de igreja são aqueles que escondem muita coisa de seu comportamento passado. Pessoas mais velhas que sempre criticam os jovens pelo comportamento deles, se esquecem convenientemente de que sua própria conduta está muito longe de ser perfeita. É muito perigoso julgar outras pessoas. Ao fazermos isso, devemos nos lembrar do que Cristo advertiu:

“Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?” (Mt 7:3).

A expectativa das pessoas

O que os membros da igreja esperam ver nos líderes? Não alguém totalmente perfeito, mas alguém a quem eles possam respeitar. Eles não esperam que jamais cometamos erros, nem que nunca tenhamos lapsos ocasionais de bom julgamento ou que não tenhamos falhas pessoais. Eles não esperam encontrar alguém que conheça tudo ou tenha solução instantânea para todo problema. Nem mesmo esperam tratar com alguém que nunca tenha dúvida e sempre esteja absolutamente seguro a respeito do que crê. Mas, eles esperam que sejamos reais e autênticos.

Se queremos ser ouvidos e esperamos ter nosso papel de liderança reconhecido; se queremos levar o evangelho a uma audiência incrédula e se realmente desejamos nos relacionar com pessoas secularizadas, dentro ou fora de nossas congregações, devemos ser autênticos. De outra maneira, por mais que tentemos, não conseguiremos sucesso.

Quais são os principais ingredientes da autenticidade? Não existe nenhum plano detalhado, estratégico, que, se for executado cuidadosamente, nos transforme de alguém que apenas desempenha um papel escondido atrás de uma máscara, em uma pessoa transparente, aberta, genuína e autêntica. Porém, aqui estão alguns elementos que podem nos ajudar a ser reais e autênticos:

Honestidade. Se queremos ser autênticos, devemos aprender a ser honestos com nós mesmos e com outros, sobre quem somos e o que acontece em nossa vida. Alguns de nós somos bastante espertos para esconder profundamente quem somos, e então nos tornamos habilidosos em fazer uma constante campanha de relações públicas em nosso favor. Porém, a realidade de nossa vida difere muito vastamente da autoimagem que buscamos promover.

Algumas pessoas podem não ser o cuidadoso esposo ou devotada esposa que pretendem ser. Alguns de nós podem não ser tão conscientes de todos os aspectos de nossos deveres pastorais ou administrativos como gostaríamos que as pessoas acreditassem. E, o que é pior, alguns de nós podem não ter a genuína e profundamente enraizada vida espiritual que sugerimos possuir, quando falamos ou pregamos às pessoas.

A verdade permanece escondida por muito tempo. Permanece a triste realidade de que algumas pessoas que fielmente frequentam a igreja, mesmo cristãos ativos, não têm uma vida espiritual significativa. Alguns se dizem cristãos, mas enganam secretamente a esposa. Alguns podem ser anciãos da igreja, mas não devolvem fielmente o dízimo. Pesquisas mostram que há pastores que raramente oram ou leem a Bíblia fora dos compromissos profissionais. Cedo ou tarde, a verdade aparecerá. Queiramos ou não, há pessoas ao nosso redor que possuem uma incrível habilidade para notar que alguma coisa não está bem na vida do pastor.

Esteja seguro de perseguir a honestidade. Faça um inventário pessoal e, se você não gostar do que descobrir em sua vida, ore e permita que Deus o transforme. Isso pode requerer confissão e pedido de perdão a Deus e, às vezes, aos irmãos. Mas, ser honesto eventualmente resultará em mais respeito a você. Viver uma mentira não gera respeito; no fim, somente traz desilusão.

Reconhecimento de dúvidas. Admitir que, às vezes, temos nossas dúvidas não enfraquece nosso papel de líderes. Quem disser que nunca teve nenhuma dúvida, nunca se deu ao trabalho de pensar profundamente ou está enganando a si e os outros. Todo cristão, incluindo pastores, às vezes tem que tratar com dúvidas. A questão não é tanto se temos dúvidas, mas o que fazemos com elas. Acariciamos essas dúvidas e proclamamos que elas são resultado de nossa inteligência superior?

Ou buscamos nos aprofundar? Lutamos com nossas questões, lemos, dialogamos e oramos para encontrar respostas?

Enfrentar a vulnerabilidade. Falar sempre a respeito de nós mesmos poderia ser errado. Depois de tudo, o que temos a dizer em nosso papel de líderes cristãos não é a nosso respeito. Contudo, deveríamos ser abertos no que tange a nós mesmos, e não fazer segredo não apenas das coisas que temos feito bem, mas também daquelas que representam falhas. Levou algum tempo até que eu aprendesse isso. Mas, descobri que muitas pessoas são mais inclinadas a me ouvir quando sentem que estão diante de alguém que, por experiência própria, sabe o que está falando. Quando elas sentem que não sou estranho a muitas coisas com as quais lutam normalmente, acabam desenvolvendo boa vontade para se comunicar comigo.

Um dos maiores desapontamentos para muitos pastores e líderes de igreja acontece quando seus filhos não fazem as escolhas que eles gostariam que fizessem. Muitos filhos de pastores não são membros da igreja. Alguns nem mesmo conservam os valores cristãos básicos que seus pais buscaram instilar neles. Tenho dois filhos adultos dos quais muito me orgulho. Eles vivem bem e se relacionam bem conosco, seus pais. Contudo, não escolheram se unir à igreja para a qual trabalhei durante mais de 40 anos.

Por muitos anos, eu costumava responder vagamente quando alguns irmãos me perguntavam se meus filhos faziam parte da igreja. Entretanto, algum tempo atrás, decidi que passaria a ser mais aberto com eles a respeito desse assunto, mesmo que isso pudesse afetar meu prestígio como líder da igreja. Porém, para minha surpresa, tenho percebido que a maioria dos irmãos não assume a posição de juízes (pelo menos publicamente), perguntando sobre o que houve errado em nossa família. Muitos desses irmãos têm a mesma

experiência e falam comigo mais à vontade, agora, do que quando não sabiam sobre o meu caso. Eles sabem que posso compreender sua luta porque, mesmo com dificuldade, resolvi me abrir a esse respeito.

Ouvir as histórias pessoais. Às vezes, acho difícil dedicar tempo a ouvir histórias de outras pessoas. Porém, compreendo que elas hoje estão procurando alguém que as ouça. Telespectadores querem ver a pessoa atrás da notícia; querem saber mais sobre os indivíduos famosos. Revistas e jornais estão cheios de entrevistas e notícias sobre as pessoas. Frequentemente, o método de reunir essas informações vai além do que podemos considerar aceitável, mas isso é o que vende.

As pessoas querem ver o quadro real de cada um de nós e, dentro dos limites, elas têm direito a isso. Mas, nunca se esqueça de que as pessoas estão muito ávidas para contar sua história para você. Hoje, elas rejeitam grandes histórias (as assim chamadas meganarrativas), mas aceitam histórias pequenas e locais. Não existe relacionamento real até que sejam contadas as histórias sobre quem você realmente é e as pessoas realmente são.

Agir autenticamente. A maioria dos membros da igreja quer pastores que, em sua visão teológica, não se desviem muito do meio da estrada do adventismo. Porém, nem adventistas nem os não adventistas serão impressionados por nossa ortodoxia teológica, se as escolhas que fizermos em nossa vida não refletirem a ética e os valores cristãos básicos. As pessoas estão mais interessadas em saber que somos indivíduos de qualidade, pastores que têm genuíno interesse no que elas são e no que sentem, em vez de querer ouvir nossa visão sobre todo tipo de minúcia teológica. Muitas pessoas consideram ser mais importante que sejamos honestos, cumpridores das nossas promessas, e não apenas saber que nós compreendemos todas as interpretações doutrinárias.

Isso não quer dizer que as doutrinas não tenham valor, mas não podemos subestimar as grandes mudanças que têm tomado lugar na mente de muitos membros da igreja bem como das pessoas de fora dela. Antes que elas nos ouçam, devem estar convencidas de que somos verazes.

O teste fundamental no mundo de hoje não é se as coisas que eu prego são bíblicamente verdadeiras e defensáveis, mas se as pessoas pelas quais eu trabalho e com as quais me associo veem que as coisas que eu proclamo e promovo tem-se tornado realidade concreta em minha vida. Acaso, tem minha fé mudado as prioridades em minha vida diária? Isso é o que as pessoas querem ver. Tem minha crença na segunda vinda de Cristo influenciado os valores pelos quais eu vivo? Tem minha convicção a respeito do sábado realmente providenciado para mim um tempo especial, diferente do restante da semana, e isso tem se tornado claramente um ponto para minha nutrição espiritual? Tem minha crença na vida futura não somente me ajudado a encontrar material para sermões fúnebres, mas também me tem dado paz interior refletida na minha vida exterior?

Veem as pessoas que minha vida é real, e que isso importa para mim? Poucos meses atrás, fui convidado a pregar no funeral de um bom amigo. Embora ele tivesse antecedentes cristãos, eu nunca soube detalhadamente em que ele cria. Esse era um terreno de sua vida em que ninguém ousava pisar, nem mesmo a esposa. Mas, ele era uma grande pessoa, um amigo leal. Minha ideia para a mensagem naquela ocasião foi tirada de uma frase que a família imprimiu no obituário: “Sua história não terminou!” Essas palavras expressavam a convicção da família quanto ao modo como ele viveu. Havia uma história que, embora inacabada, valia a pena ser ouvida.

Quando as pessoas ao nosso redor nos olham, o que elas veem? Alguém que tem uma vida real e deixa rastros preciosos, uma história digna de ser

ouvida? Veem elas mordomos fiéis que sempre agem com integridade? Genuínos discípulos do Senhor Jesus Cristo? Pessoas que sempre tentam se relacionar com outros dentro de uma forma cristã? Alguém que é transparente e pode ser confiável em todos os aspectos? Não apenas ocasionalmente, quando temos um dia favorável, mas 24 horas cada dia?

Supremo exemplo

O processo de alguém se tornar autêntico pode nunca ser completado; sempre permanecerá como um trabalho em progresso. Só encontramos completa autenticidade em Jesus Cristo. Ele foi quem foi e é quem Ele é. Portanto, esse processo se resume em procurarmos, mediante Sua graça, ser iguais a Ele. Paulo nos impele a isso: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana” (Fp 2:5-7)

O que se aplica individualmente a nós também se aplica à comunidade de fé. A questão não está limitada a: “Sou eu uma pessoa autêntica?” Na verdade, a questão fundamental é uma sequência: “É minha igreja uma comunidade que irradia autenticidade? É uma comunidade aberta que atrai pessoas, porque ela claramente se importa com as pessoas e vive o que pretende ser?”

A igreja a qual nós servimos não se torna uma comunidade verdadeiramente autêntica simplesmente falando ou escrevendo a respeito disso. Por si mesmos, *slogans* não são suficientes. O fato de nos tornarmos autênticos demanda uma resposta positiva ao convite de Deus. E se não nos tornarmos autênticos, nenhuma esperança existe de ligação genuína com as pessoas as quais buscamos servir. Nossa autenticidade é um convite para que outras pessoas respondam ao chamado de Deus. ■



Professor de Física no Colégio Adventista de São Luís, Associação Maranhense

Linguagem distorcida

Análise dos conceitos de Francis Collins à luz da visão criacionista da igreja adventista do sétimo dia



Geneticista brilhante, médico e PhD em Físico-Química, Francis Collins atraiu a atenção mundial ao dirigir o projeto que mapearia os três bilhões de bases constituintes do DNA humano, o Projeto Genoma, objetivo alcançado em 2003. Ateu até os 27 anos, Collins se converteu à fé cristã depois de entrar em contato com pacientes que obtinham resultados inexplicáveis, através da fé que demonstravam. Um dos meios utilizados na defesa da fé cristã foi a publicação do livro *A Linguagem de Deus: Um Cientista Apresenta Evidências de que Ele Existe*.

Esse livro se tornou rapidamente um *best-seller*, segundo avaliação do jornal *The New York Times*. O impacto pode ser justificado por alguns motivos como, por exemplo: a escrita agradável, uma interessante caminhada nos campos da genética, física e filosofia, o respeito às credenciais científicas do autor e o fato de justamente esse homem escrever sobre um tema repellido por seus pares.

Diante da enorme popularidade que esse livro conquistou, este artigo pretende analisar alguns conceitos do autor, à luz das verdades defendidas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Contradições

Argumentando com base nas obras de C. S. Lewis, o primeiro assunto avaliado pelo autor é a existência de uma lei universal. Para ele, as semelhanças entre diferentes comunidades sobre a visão de certo e errado provam a existência de um padrão moral universal, cuja origem não pode ser explicada por um processo evolucionário (p. 35). Embora, desde o início, sua defesa evolucionista seja evidente, muitas de suas afirmações respondem a questões que surgem no meio cristão e que ajudariam muitos universitários na defesa da fé.

Sua posição evolucionista sobre o desenvolvimento do Universo e do sistema solar é bem clara: “Todas essas etapas na formação do nosso sistema solar são, atualmente, bem descritas e improváveis de ser revi-

sadas com base em informações futuras. Quase todos os átomos de seu corpo foram, algum dia, cozidos na fornalha nuclear de uma supernova antiga – você foi, de verdade, criado com a poeira das estrelas” (p. 76).

Segundo a visão de Collins, a ação divina ocorreu apenas na explosão inicial do Big Bang. Todo o restante do processo resultou de uma aglutinação natural e lenta do Universo, direcionada pela gravidade. Muitas perguntas continuam sem respostas. Se todos os elementos pesados foram formados no interior das estrelas, por que é insuficiente o número de estrelas observadas, capazes de produzir esses elementos? Somente a gravidade seria capaz de provocar a união da matéria presente no cosmos? O autor não aborda essas perguntas.

“Embora contenha informações úteis, a literatura secular deve ser examinada com cuidado pelo pastor”

A questão da assimetria entre matéria e antimatéria é tratada superficialmente: “Por que existiu essa assimetria? Teria sido mais ‘natural’ que ali não houvesse assimetria. Contudo, se houvesse uma simetria total entre matéria e antimatéria, o Universo rapidamente teria se desenvolvido em radiação pura; e pessoas, planetas, estrelas e galáxias jamais teriam existido” (p. 79).

Outra questão evocada é a existência do princípio antrópico, o ajuste preciso do Universo para propiciar vida. “A existência de um Universo como o conhecemos repousa sobre o fio da navalha das improbabilidades” (p. 80). A existência do princípio antrópico põe em cheque as bases da teoria do Big Bang, mas infelizmente o autor não faz essa observação. Em sua abordagem sobre esse tema, Collins defende que a intervenção divina pode ser observada pela ação de um ser onipotente, ao ajustar a explosão do

Big Bang de maneira a proporcionar ajustes perfeitos à formação do Universo como conhecemos e, posteriormente, a geração da vida.

Aula evolucionista

No quarto capítulo do livro, o autor explora a origem da vida na Terra. Primeiramente, seu objeto de análise é o “argumento do desígnio”, apresentado por William Paley, em 1802, segundo o qual a complexidade observada na natureza implica na existência de um planejador inteligente. Collins tenta pôr fim nessa conclusão: “O argumento de Paley não pode ser considerado como a história completa” (p. 94).

Na sequência do capítulo, a explosão do Cambriano é justificada como possível alteração nas condições ambientais, ocasionando fossilização repentina de um grande número de espécimes (p. 101). Isso revela conhecimento incompleto das inúmeras condições necessárias para que ocorra a fossilização: soterramento rápido, ambiente com pouco oxigênio e o enclausuramento de sedimentos, o que implica em alta improbabilidade da ocorrência de tal evento em proporções globais.

No capítulo quinto, o autor apresenta interessantes particularidades sobre o DNA. Um dos pontos enfatizados é a baixa diversidade genética do ser humano, o que permite concluir que todos possuímos um ancestral comum (p. 132). Porém, essa não seria a única conclusão possível, pois essa semelhança genética pode ser interpretada como assinatura de um mesmo ser criador. Então, Collins dá uma aula sobre “Teoria da Evolução”, alegando que o termo “teoria” usado aqui não indica conjectura ou hipótese, mas “um princípio fundamental da ciência, como a teoria da gravidade, teoria musical e a teoria das equações” (p. 147). Ora, para ser tratada como princípio, uma teoria científica deve ter confirmada suas previsões e explicar todos os fatos propostos em seu bojo. Isso a teoria da evolução não faz.

Tendo como base a “veracidade” da evolução, nos capítulos seguintes, o livro de Collins pretende responder se é possível ou não a harmonia entre as descobertas científicas e a existência de Deus. Ao avaliar essa questão, a literalidade do Gênesis é questionada e, após análise teológica superficial, ele conclui que o relato inicial do primeiro livro da Bíblia é uma alegoria poética da criação (p. 159). O capítulo sete é uma avaliação de duas posturas sobre a relação entre fé e ciência: ateísmo e agnosticismo.

No primeiro caso, o autor rebate as contradições levantadas por Richard Dawkins, professor de Oxford e autor de uma série de livros contra toda postura religiosa na sociedade moderna e na ciência. A resposta dada a Dawkins é que suas afirmações se baseiam no que as pessoas fazem da religião e não em sua essência propriamente dita: “É muito difícil para Dawkins atacar a caricatura da fé que ele nos apresenta, mas não se trata da fé real” (p. 170). Um ponto exaltado nessa questão é a divinização da ciência, que é chamada de “o deus de Dawkins”.

Quanto ao agnosticismo, afirma o escritor: “Embora o agnosticismo seja uma posição cômoda para mui-

tos, do ponto de vista intelectual ele transmite certa fragilidade. Será que iríamos respeitar alguém que insistisse em dizer que a idade do Universo não pode ser conhecida nem parou para verificar as evidências?” (p. 174). Mas, fingir que o problema não existe não significa resolvê-lo.

Desígnio inteligente

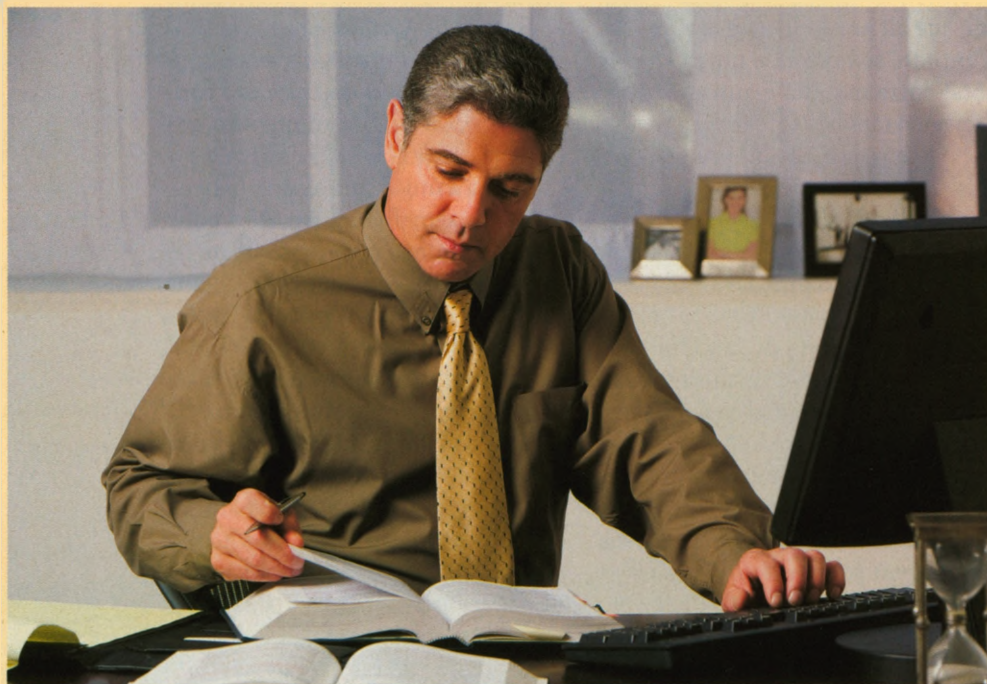
Nos capítulos oito e nove, Collins trata do criacionismo e do desígnio inteligente, mas não apoia nenhuma das duas posições. Sua objeção ao criacionismo prende-se à literalidade do Gênesis e sua falta de explicações para algumas evidências genéticas, apresentadas em seu livro, favoráveis à evolução. Diz ele: “Assim, de acordo com a lógica racional, o criacionismo da Terra Jovem chegou a um ponto de falência intelectual, tanto em sua ciência quanto em sua teologia. Sua insistência é, assim, um dos maiores enigmas e uma das maiores tragédias de nosso tempo. Ao atacar as bases de praticamente cada ramificação da ciência, ele amplia a ruptura entre as visões de mundo, científica e espiritual, justamente numa época em que se necessita desesperadamente de um caminho em direção à harmonia.”

A força de tal afirmação não condiz com a fraqueza dos argumentos, pois o melhor caminho para a harmonia não está em tornar o Gênesis uma representação poética já que, em termos de análise teológica completa, sua literalidade pode ser defendida. Explicar um fenômeno não implica falsidade de uma teoria, mas pode implicar compreensão incompleta. Há inúmeras situações para as quais a teoria da evolução não tem explicação completa, mas o cristianismo apresenta uma resposta cientificamente fundamentada. Exemplo disso é a explosão do Cambriano, que pode ser explicada por uma catástrofe global como o dilúvio bíblico.

Ao tratar do desígnio inteligente, sua atenção se concentra na ausência de previsões científicas dessa teoria e em “imperfeições” em determinados organismos humanos, como o dente siso, a coluna e o olho. Contudo, suas afirmações não explicam o processo ocorrido para atingir a formação de determinados organismos complexos, e ignora que em vários órgãos considerados sem importância, as “imperfeições”, tiveram suas funções compreendidas.

No fim do livro, Collins propõe uma posição chamada por ele de “BioLogos”, na qual afirma a existência de Deus, mas Sua ação na criação e no desenvolvimento do Universo ocorreu por meio de um processo lento, de bilhões de anos de auto-organização, com base na teoria do Big Bang e na teoria da evolução. Sua postura contrasta com a exigência de critérios e cientificidade apresentadas no livro, pois relega Deus a um papel secundário na criação.

Em suma, o livro de Francis S. Collins contém informações úteis, mas suas argumentações podem se tornar atraente armadilha. Há uma sutil mistura de verdade e erro, argumentos superficiais apresentados de maneira contundente que podem parecer verdadeiros. Portanto, sua leitura deve ser cuidadosa e criteriosa. ■





NORDESTE: TERRA DE ESPERANÇA

A igreja adventista nordestina está empenhada na execução do projeto "Terra de Esperança", através do qual a liderança pretende alcançar os 650 municípios sem presença da igreja, especialmente nos estados de Paraíba e Piauí. Eles somam mais de seis milhões de habitantes, a maioria dos quais vive em pequenas cidades com população inferior a dez mil pessoas. Trata-se de uma região desafiadora, caracterizada pela pobreza, desnutrição infantil, baixo índice de alfabetização, condições climáticas difíceis, misticismo, estradas precárias, entre outras dificuldades.

O projeto envolve 104 grupos mantenedores, sendo que cada grupo é responsável por pelo menos quatro municípios. Em cinco anos, as cidades deverão ter pelo menos uma congregação. "A Igreja Adventista levou cem anos para alcançar 900 municípios no nordeste. Queremos fazer em cinco anos o que só foi possível em cem", afirma o pastor Geovani Queiroz, presidente da União Nordeste. – ASN

MUDANÇA DE PARADIGMA

Centralizar, ameaçar e promover-se são atitudes que precisam ser abolidas da postura dos líderes do século 21. É o que cerca de 50 alunos da primeira turma do mestrado em liderança da Universidade Andrews no Unasp ouviram no dia 17 de janeiro. Depois de uma semana de aulas, os candidatos a mestre participaram de uma mesa redonda sobre o sugestivo tema: "Liderança e legado".

A programação contou com as palestras dos professores da Andrews, a Dra. Shirley Freed, Dr. Eric Baumgartner e o Dr. Josmar Arrais, que discorreram sobre o conceito de liderança, o que leva uma empresa a ser bem-sucedida e o papel da confiança na gestão de pessoas. Por sua vez, Paulo Kretly, presidente da Franklin Covey Brasil, falou sobre o tema do encontro: a necessidade de se formar líderes. E na parte da tarde, ex-alunos do mestrado testemunharam sobre o impacto do curso em sua vida profissional e pessoal.

De acordo com um dos organizadores, o professor Robson Marinho, a expectativa é de que "os alunos reflitam e incorporem um novo paradigma de liderança, voltado mais para as pessoas e que sejam multiplicadores desse novo estilo no seu círculo de influência". Ele destaca que o programa tem sido bem sucedido há 15 anos nos Estados Unidos e em várias partes do mundo.

A pedido da Divisão Sul-Americana, a universidade americana oferece o MBA em parceria com a instituição paulista, que cede suas instalações. Por sua proposta diferenciada, que mostra um modelo de liderança voltado menos para os resultados e mais para o serviço, o mestrado atraiu líderes das áreas ministerial, educacional, de saúde e de publicações. Gente que está disposta a mudar como pensa e trabalha a fim de servir melhor. O curso tem duração de dois anos e meio, dividido em cinco módulos realizados nas férias, e é aberto ao público em geral. O currículo prevê disciplinas nas áreas de liderança pessoal, interpessoal e organizacional. A próxima turma terá início em janeiro de 2011. – Wendel Lima

QUANTIDADE COM QUALIDADE

O ano 2009 findou com 2.380.278 adventistas, na Divisão Sul-Americana, o que representa crescimento de 10,1% a mais em relação a 2008.

Mas os números também atestam que a igreja cresceu em qualidade: Além de outras frentes missionárias, há 73.793 pequenos grupos ativos, 18.724 igrejas envolvidas no ministério da oração intercessora, 129.677 duplas missionárias e 22.245 classes bíblicas atuantes. Em 11.942 igrejas, o ministério de recepção está plenamente organizado. Se em 2007 eram necessários 11,5 membros para levar alguém ao batismo, atualmente são necessários 10,5.

Para o pastor Erton Köhler, presidente da DSA, "a igreja cresce com qualidade porque os membros trabalham organizados e com o coração na missão". – ASN



O curso atraiu líderes das áreas ministerial, educacional, de saúde e de publicações



Professores da Universidade Andrews e da Franklin Covey do Brasil: liderança é servir



O CAMINHO DE JESUS E OS ATALHOS DA IGREJA

Eugene H. Peterson, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP; tel. (11) 2127-4147, www.mundocristao.com.br 313 páginas.

Este livro é uma conversa sobre a espiritualidade dos caminhos que percorremos em nossa busca por seguir a Jesus, o verdadeiro Caminho. Nele, Peterson explica o significado da metáfora “caminho” (muito mais que uma estrada para o Céu), e suas diferentes implicações na construção de um estilo de vida cristocêntrico.

PASTOREANDO O CORAÇÃO DA CRIANÇA

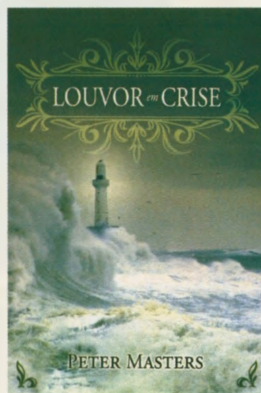
Tedd Tripp, Editora Fiel, São José dos Campos, SP, tel. (12) 3936-2529, www.editoriafiel.com.br 228 páginas.

Pastoreando o Coração de uma Criança é um livro sobre a maneira de falar ao coração de nossos filhos. As coisas que seu filho fez e faz brotam do coração. Afinal, “a boca fala do que está cheio o coração” (Lc 6:45). Trata-se de um livro escrito para pais que têm filhos de qualquer idade. É esclarecedor, ao mesmo tempo em que também fornece perspectivas e procedimentos para o exercício do pastoreio do coração da criança nos caminhos da vida.



LOUVOR EM CRISE

Peters Masters, Editora Fiel, 151 páginas.



De acordo com o autor deste livro, “um novo estilo de adoração tem invadido a vida evangélica, abalando os alicerces de conceitos e atitudes tradicionais”. Como podemos reagir a isso? Trata-se apenas de uma questão de gosto e de idade, ou de algo mais? Louvor em Crise apresenta quatro princípios essenciais que Jesus estabeleceu para a adoração, pelos quais devemos julgar cada nova ideia.

VEJA NA INTERNET www.blueletterbible.org



Esse é um site que se propõe a oferecer ferramentas de pesquisa bíblica e outros subsídios para pregadores e estudiosos da Bíblia em geral. A maior parte do material está em inglês e alguma coisa está em espanhol. Na coluna de links que fica à esquerda da tela, veja: *Commentaires* – Isaac Newton (seu importante comentário sobre Daniel e Apocalipse); outra preciosidade nessa área: Charles Spurgeon (texto integral de mais de 3.500 sermões do “príncipe dos pregadores”); nos demais links dessa parte há comentários e sermões de outros pregadores antigos ou modernos, como o bom material sobre o livro de Jó, por Don Smith.

Em *Audio & Video* – veja o material de Ray Stedman e de Mike MacIntosh. Em *Study Tools* – veja especialmente *Charts and Outlines*. – Márcio Dias Guarda



Bruno Raso

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Dia de esperança

Não é difícil encontrar razões que fundamentem o conceito do sábado como dia de esperança. Primeiramente, ele me fala de Deus como meu Criador. A Bíblia indica que na conclusão de Sua obra criadora, ao examinar o resultado de seu trabalho, Deus afirmou que tudo “era muito bom” (Gn 1:31). Infelizmente, o ser humano escolheu desviar-se caprichosa e voluntariamente do plano de Deus, colhendo assim enfermidade, injustiça e morte. Ainda assim, o sábado nos lembra o poder criador de Deus. Ele falou e tudo foi feito. Mandou e tudo existiu. Do nada criou todas as coisas. Originou e mantém a vida. Isso nos dá esperança. Que problema existe tão grande que o Deus de toda imensidão e perfeição não possa resolver? Ele é o Deus que tudo pode.

Em segundo lugar, o sábado fala de Deus como Senhor. O sábado foi estabelecido como monumento da criação; declarado feriado universal permanente. Lamentavelmente, nem todos o reconhecem dessa maneira, mas quem participa de sua celebração, conforme o mandamento (Êx 20:8-11; Jo 14:15), revela reconhecer a soberania de Deus, adorando-O como Criador, e experimenta benefícios físicos, sociais, familiares, intelectuais e espirituais. Como soberano do Universo, o Senhor disponibiliza todas as coisas para nosso bem-estar. Por isso, o sábado nos traz esperança.

O sábado também apresenta Cristo como Salvador. Com a queda do homem em pecado, Deus executou Seu plano de restauração e salvação, estabelecido antes da fundação do mundo. Por obra do Espírito Santo, Jesus Cristo Se encarnou, veio ensinar, pregar, curar e nos apontar o caminho de volta para Deus. Ao morrer, saldou a dívida pecaminosa do homem, venceu na cruz o pecado, e a morte, ao sair da sepultura.

Assim como, num sábado, descansou de Sua tarefa criadora, também num sábado, no sepulcro, descansou de Sua obra redentora. Cada sábado lembra Alguém que viveu e morreu por mim. Alguém que Se importou co-

migo e me ama. Cada sábado me lembra o sacrifício de Cristo, o resgate por Ele efetuado. Deu-me Seu sangue, Sua vida. Fui perdoado, tenho paz e tenho esperança.

Sim, o sábado fala de Deus como Restaurador (Is 66:22, 23). “Enquanto céus e Terra durarem, continuará o sábado como sinal do poder do Criador. E quando o Éden florescer novamente na Terra, o santo e divino dia de repouso será honrado por todos debaixo do Sol.” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 283).

Em longínquas terras africanas, nasceu K`naan, cujo nome significa “viajante”, no idioma somali. Cresceu entre guerras e fome. Hoje, aos 31 anos de idade, como produtor, músico e poeta, K`naan deixou para trás os anos de sofrimento na Somália e reside em terras norte-americanas.

“Enquanto céus e terra durarem continuará o sábado como sinal do poder do Criador”

Ele compôs o cântico oficial da Copa do Mundo de futebol a ser realizada neste ano, na África do Sul.

Intitulado *Waving Flag* [Bandeira tremulante], o cântico contém esta mensagem: “Quando eu for grande, serei mais forte, me chamarão liberdade, como uma bandeira que tremula. Nasci para um trono mais forte que Roma. Por enquanto, sofro violência, vivo em lugares remotos, escuros e pobres, de dura sobrevivência. Não se aceitam derrotas, impossível se render. Lutamos, brigamos para comer e nos perguntamos quando seremos livres. Os dias esperados não estão muito longe.”

Também somos viajantes, sofrendo em um mundo manchado por nossa escolha pecaminosa. Porém, além de nos lembrar o poder criador, a soberania e o amor de Deus, o sábado antecipa o fim deste mundo de pecado. Mostra um Deus restaurador. Renova a esperança de que em breve cessarão a guerra e a pobreza. Seremos grandes e fortes; a bandeira da liberdade tremulará, anunciando o começo da feliz eternidade. Cantaremos o cântico da vitória, inaugurando um Universo renovado. Não se aceitam derrotas; impossível se render, porque esse dia não está longe. ▀

Prepare-se! Faça parte desta missão.

NO MÊS DE MAIO

A IGREJA ADVENTISTA IMPACTA

Fique por dentro:

8 de maio

Dia de Oração e Jejum

15 de maio

Impacto Esperança

Distribuição de 30 milhões de revistas

16-22 de maio

Semana da Família

22 de maio

Lares de Esperança

Distribuição do livro *Tempo de Esperança*



www.esperanca.com.br
www.portaladventista.org

UM DIA de
ESPERANÇA